

Primeira carta de João

3 “Quem reconhece
que Jesus Cristo veio
na carne é de Deus”
(1Jo 4,2)

Maria Antônia Marques

15 O falso profeta
nega o Jesus
da história,
o Messias encarnado
Shigeyuki Nakanose

25 “Todo aquele
que odeia
seu irmão
é homicida” (1Jo 3,15)
Centro Bíblico Verbo

35 A misericórdia
no documento
conclusivo de
Medellín (1968)
Matheus da Silva
Bernardes

43 Roteiros homiléticos
Luiz Alexandre Solano Rossi

SETEMBRO É MÊS DA BÍBLIA,

O APÓSTOLO DO AMOR TEM UMA MENSAGEM PARA VOCÊ.



É setembro, é mês da Bíblia! Neste ano, a campanha traz a Primeira Carta de João como inspiração para amarmos uns aos outros, seguindo o exemplo de Jesus. Por isso, selecionamos os melhores títulos do nosso Catálogo Bíblico para ajudar os fiéis na compreensão e no aprofundamento dessa leitura, fundamental para quem deseja descobrir, nas palavras do Apóstolo do Amor, o projeto de Deus para toda a humanidade. Um projeto de amor e compromisso com o povo que sofre.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

A primeira carta de João é o texto escolhido para estudo no mês da Bíblia deste ano. *Vida Pastoral* traz até você nossa colaboração para reflexão, aprofundamento e vivência da riqueza deste escrito sagrado.

Sabe-se que a carta é um dos meios de comunicação mais antigos do mundo. Foi também a principal forma de comunicação entre as primeiras comunidades cristãs. A carta geralmente leva em conta circunstâncias próprias e contém informações de interesse específico do destinatário.

Escrita por volta dos últimos anos do século I, a primeira carta de São João se destina a um grupo de igrejas ligadas diretamente ao apóstolo, especificamente a um público misto de pagãos e de judeus convertidos ao cristianismo. O tema central diz respeito à fé na encarnação do Filho de Deus e ao amor ao próximo.

Havia nas primeiras comunidades cristãs uma confusão imensa acerca da identidade de Jesus Cristo. Certos grupos dissociavam o Jesus histórico do Cristo da fé, de modo que separavam a fé da vida como ela é. Alguns, inclusive, tinham uma visão totalmente negativa sobre a condição humana, concepção que os levava a não admitir que Jesus fosse verdadeiramente humano. Isso gerava a mentalidade de que não era necessário o amor ao próximo, mas somente o amor a Deus, bem como o conhecimento que a pessoa tinha de sua origem e destino. A primeira carta de João se insere justamente nessas circunstâncias, com o objetivo de conscientizar as mentes e resolver os conflitos na comunidade. O que interessa a João é esclarecer seus leitores sobre o verdadeiro Jesus. “Quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne, esse vem da parte de Deus” (1Jo 4,2).

Em posse do texto da primeira carta de João, o leitor pode notar que cada capítulo é uma espécie de homilia ou meditação, exortando a comunidade sobre os perigos de uma concepção errada de Jesus e a necessidade de conversão; isto é, para um testemunho autêntico da fé, é necessário que cada cristão testemunhe em palavras e atitudes Jesus Cristo feito carne. Isso se dá mediante a experiência do amor ao próximo. O amor nos aproxima de Deus. “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8). Quem ama não nega Jesus feito homem, verdadeira carne humana.

O amor é a verdadeira luz que ilumina a comunidade e a faz capaz de dissipar a treva da divisão. Portanto, no mundo os cristãos são chamados a realizar aquilo que Jesus realizou. O sopro de Deus que levou Jesus a realizar sua obra está também em nós. O sopro é o que nos faz perceber e sentir que no amor não há o medo. Em tempos de ódio e de imposição de medos, a leitura e meditação da primeira carta de João nos inspiram a ternura e a alegria de viver no amor.

Os três primeiros artigos desta edição de *Vida Pastoral* nos introduzem na dinâmica da primeira carta de João. E para iluminar nossa ação pastoral, apresentamos também um texto sobre a “misericórdia” nas conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968), estabelecendo uma relação entre Medellín e o pontificado do papa Francisco. Os roteiros homiléticos, por sua vez, nos auxiliam na compreensão e vivência da liturgia, como comunidade celebrativa aberta à palavra de Deus.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora	PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista responsável	Valdir José de Castro, ssp
Editor	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp Claudio Avelino dos Santos, ssp Darcy Luiz Marin, ssp Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Ilustrações	Patrícia Campinas (artigos) e Luís Henrique Alves Pinto (Roteiros homiléticos)
Editoração	Elisa Zuigeber
Revisão	Alexandre Santana e Caio Pereira

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • WhatsApp: 99974-1840
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS, Q.1, Bloco I, Edifício Central,
Loja 15, Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405, Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201, Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134, Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauri, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229, Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72, Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

“Quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne é de Deus” (1Jo 4,2)

Introdução à primeira carta de João

Maria Antônia Marques*

Certa vez, um bispo visitou uma turma que estava se preparando para a primeira comunhão. Em conversa com as crianças, ele perguntou: “Qual o sinal do cristão?” Ele esperava ouvir: “O sinal da cruz”. Uma criança respondeu: “É o amor!” O bispo ia dizer que a resposta estava errada, hesitou um pouco e depois sorriu e disse: “Sim, você acertou!”

*Maria Antônia Marques é assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores – Itesp. Juntamente com o Centro Bíblico Verbo, tem publicado pela Paulus, todos os anos, um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. O do ano de 2019 é *Jesus Cristo veio na carne é de Deus (1Jo 4,2): entendendo a primeira carta de João*. E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br



Introdução

Qual é o sinal característico da pessoa cristã? A pergunta é muito antiga, mas a resposta continua a mesma: o amor. “Amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos” (Jo 13,34b.35b). Fé e amor são colunas fundamentais de todas as religiões. Na vida cristã, nosso vínculo fundamental é com Jesus Cristo, o Messias encarnado. Daí a importância de sempre voltarmos à vida e à prática de Jesus Cristo e das comunidades que deram continuidade à sua missão: o anúncio do Reino de Deus e o amor ao próximo.



Nas primeiras comunidades cristãs, surgiram muitas definições acerca da identidade de Jesus Cristo. No fim do século I, havia grupos que dissociavam o Jesus da história do Cristo da fé e separavam a fé da vida prática, provocando desentendimentos e conflitos nas comunidades. Uma das comunidades sofridas era a da primeira carta de João. A carta inicia-se assim:

O que existia desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que temos contemplado e nossas mãos têm apalrado: a Palavra (Verbo) da Vida – porque a Vida foi manifestada, nós a temos visto, e estamos dando testemunho e anunciando a vocês a vida eterna, que estava junto do Pai e foi manifestada a nós (1Jo 1,1-2).

Ouvir, ver com nossos olhos, contemplar, apalpar com nossas mãos o Cristo, a Palavra da Vida. Dar testemunho de Jesus feito carne (cf. 4,2) é o tema principal da primeira carta de João e, ao mesmo tempo, o ponto crucial de conflitos na comunidade, porque alguns de seus membros não reconhecem “Jesus encarnado”, o Jesus humano e histórico. Eles são chamados de “anticristos” (2,18; 4,2-3; 2Jo 7), “falsos profetas” (4,1), enganosos (cf. 2,26; 3,7), “mentirosos” (2,22).

Esse grupo propõe um ensinamento gnóstico (*gnosis*, em grego, significa “conhecimento”), afirmando que a pessoa se salva graças a um conhecimento religioso e pessoal de Cristo Jesus, que é Espírito e portador da gnose, o conhecimento que salva. Pelo conhecimento, sem a prática, eles afirmam estar em íntima comunhão com Deus,

serem iluminados e livres do pecado. Por isso, não estão empenhados no amor ao próximo e na prática da justiça (cf. 4,20-21).

Conforme a primeira carta de João, não é possível amar a Deus (Pai) sem amar o próximo (os filhos de Deus). Os dissidentes “espirituais” são acusados de “anticristos” por não viverem como Jesus Cristo feito carne e por seguirem os valores do mundo, ou seja, do Império Romano: “Eles são do mundo e por isso falam a linguagem do mundo, e o mundo os ouve” (4,5). O autor da carta ainda faz o seguinte alerta: “Não amem o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (2,15).

A qual mundo eles pertencem e seguem? A primeira carta de João foi escrita provavelmente pouco depois do Evangelho de João, no final do século I ou início do século II, em Éfeso, na Ásia Menor, onde provavelmente havia uma comunidade cristã significativa. Esta era uma das maiores cidades do mundo greco-romano.

1. Um olhar para a cidade de Éfeso

A cidade de Éfeso atualmente se chama Selçuk, localizada na Turquia, perto da desembocadura do rio Caistro, na costa ocidental da Ásia Menor. A cidade tinha um porto artificial, mantido por meio de dragagem, que se localizava na extremidade leste do mar Egeu e servia de embarque em direção à Grécia e a Roma. Esse porto fazia de Éfeso um local estratégico, tanto militarmente como comercialmente falando, atraindo, assim, várias nações poderosas para a região.

Após os domínios imperiais persas, gregos e dos reis de Pérgamo, o Império Romano conquistou a cidade, estabelecendo-se aí. Em 129 a.C., a província romana na Ásia

**“Na vida
cristã,
nosso vínculo
fundamental
é com
Jesus Cristo,
o Messias
encarnado”**



Menor teve como capital a cidade de Pérgamo. Éfeso, contudo, por sua posição geográfica, era a principal metrópole, pois ligava Grécia e Roma, por mar e por vias terrestres, com a maior parte da Ásia Menor. Muitas mercadorias e grande fluxo humano alimentavam o movimento e a riqueza dessa cidade. Na época do Novo Testamento, Éfeso, com cerca de 250 mil habitantes, era uma das cinco principais cidades no mundo greco-romano, estando entre as mais poderosas e prósperas.

Sua grandeza e prosperidade transpareciam nas construções e no movimento em seu interior. A metrópole ostentava muitos prédios e espaços importantes, como ginásios de esportes, templos, teatros, mercados, bibliotecas e um arco do triunfo. As escavações arqueológicas apontam monumentos esplêndidos das épocas grega e romana:

- a) o templo de Ártemis, composto de mais de cem colunas de mármore, uma das sete maravilhas do mundo antigo;
- b) um grande teatro, com capacidade para cerca de 24 mil pessoas em suas arquibancadas;
- c) uma praça do mercado (ágora, do grego), com inúmeras lojas.

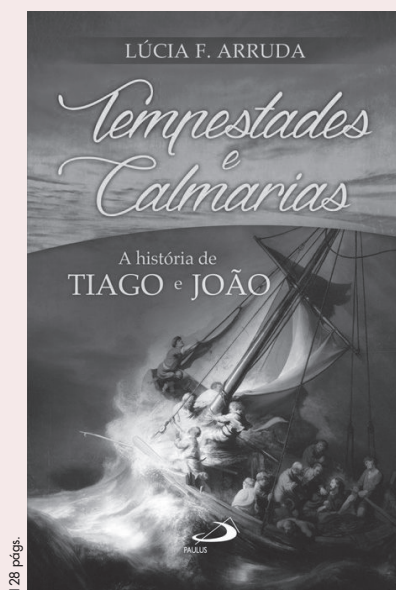
Uma cidade com uma população mista: egípcios, gregos, ítalos, sírios, judeus, entre outros. Essa diversidade se refletia também em sua multiplicidade cultural e religiosa. Além do templo de Ártemis, vários outros templos e santuários da era romana foram descobertos ali, como o santuário dedicado a Serápis, deus egípcio. As evidências indicam que em Éfeso havia grande variedade de cultos de diversas religiões, sem mencionar a presença de diferentes escolas filosóficas e de magos.

Prosperidade, grandeza, beleza, poder e diversidade faziam de Éfeso verdadeira cidade cosmopolita. Nela circulavam muitas pessoas e muitas mercadorias por via terrestre

Tempestades e calmarias

A história de Tiago e João

Lúcia F. Arruda



Nesta obra em forma de narrativa, a autora conta, com pesquisa atualizada sobre o contexto da época, os percalços de um itinerário fascinante e a transformação que os discípulos Tiago e João experimentaram no seu relacionamento com o Mestre. A história dos filhos de Zebedeu é, sem dúvida, para nós, homens e mulheres do nosso tempo, uma lição de vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



e marítima, em uma busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra (helenização). Esse era o espírito do mundo greco-romano dos poderosos, chamado de Maligno em 1Jo 2,13. Ao mesmo tempo, a cidade apresentava os males da ganância, exploração, corrupção, violência, imoralidade, desigualdade, miséria, fome e morte em seu interior: “Pois tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro – são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo” (1Jo 2,16).

A grande massa de “imigrantes pobres e escravos” do Oriente Médio e das margens do Mediterrâneo chegou a Éfeso para ganhar a vida e sobreviver na cidade cosmopolita. Eram pessoas pobres e desenraizadas! Elas sofriam com a insegurança e a violência na periferia. Nessa cidade, a Boa-Nova de Jesus Cristo foi semeada e espalhada, enfatizando o amor ao próximo (cf. 1Jo 2,3-11).

2. Conhecendo a sociedade greco-romana e a comunidade cristã de 1Jo

Éfeso era uma típica sociedade escravagista. A riqueza era produzida pelo trabalho escravo. Cerca de dois terços da população eram constituídos por pessoas pobres e escravizadas, vivendo à margem da sociedade. Os escravos, considerados mercadoria e propriedade, sofriam muitas vezes injustiça, violência e crueldade. Nessa sociedade, pairavam sofrimento, desespero, revolta dos pobres!

Um dos meios de o Império Romano controlar os habitantes em uma cidade como Éfeso era a rede (sistema) de patronato ou clientelismo, caracterizada pela troca de favores entre as pessoas, criando verdadeira teia de submissão, dependência, influência e poder. A prática de um patrono

rico favorecer o cliente pobre criava dependência e submissão, porque a pessoa pobre devia sentir-se grata e devedora de favores ao poderoso.

O Império Romano, tendo o imperador como “patrono supremo”, organizava a sociedade hierárquica pelo sistema patronal,

para controlar e subjugar o povo. O patronato estava presente em todas as dimensões da sociedade, especialmente nas associações, um fenômeno muito comum no mundo greco-romano, e era quase impossível viver à sua margem. A hierarquia da sociedade de patronato e clientelismo dificultava o surgimento de movimentos de resistência e de protesto contra os poderosos patrocinadores. Abafava e engolia a ex-

ploração, a violência e humilhação, o sofrimento e desespero, dividia os pobres e dificultava a revolta dos explorados no mundo greco-romano opressor.

Nesse contexto, a “associação cristã” estava na contramão do patronato. No seguimento do evangelho de Jesus, o Messias encarnado, a associação cristã tentava promover a solidariedade com os pobres, buscando propiciar-lhes espaço de liberdade e dignidade, sem criar dependências, não se deixando corromper pelas estruturas injustas de patronato ou clientela. Procurava não fazer distinção de pessoas, à diferença do mundo greco-romano, que praticava a injustiça, privilegiando os ricos e os detentores do poder. Daí o princípio fundamental que orientava a ação cristã: o amor ao próximo, manifestado na vida concreta de Jesus, o Messias encarnado (cf. 1Jo 3,11-24).

Na comunidade cristã, com a rede de solidariedade, constatavam-se várias ações concretas: a) partilha de alimento com os pobres; b) acolhimento de forasteiros, es-

**“Éfeso
era uma típica
sociedade
escravagista.
A riqueza
era produzida
pelo trabalho
escravo”**



trangeiros e perseguidos; c) atendimento a viúvas e crianças órfãs; d) sepultamento digno para os pobres escravos. O grupo social menos favorecido recebia especial atenção da caridade praticada pela comunidade cristã, que agia de modo contrário ao mundo escravagista.

No entanto, como testemunham a carta de Judas e a segunda carta de Pedro, as comunidades cristãs da Ásia Menor (do século I ou do início do II) sofriam com divisões internas e conflitos, provocados pelos falsos profetas ou mestres (cf. Jd 8-19; 2Pd 2,1-3). Eles renegavam Jesus como o Messias encarnado, sua vida terrestre, morte, ressurreição e a promessa da sua volta gloriosa. Como não haveria “parusia” (a vinda do Senhor) nem julgamento, tudo era permitido; podiam realizar, até com extravagância, todos os desejos – “imundícies” (cf. Jd 16; 2Pd 2,13-14).

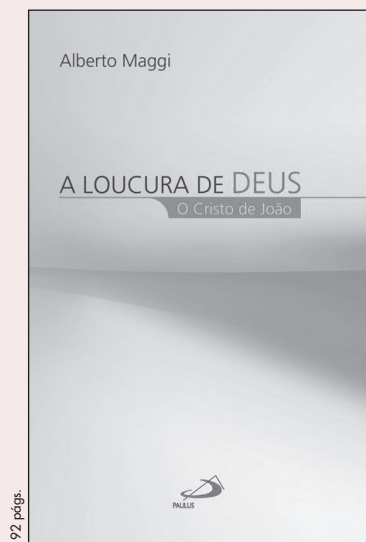
Esses ensinamentos e práticas se enquadravam no movimento gnóstico, que se desenvolveu mais fortemente no século II. Para os profetas e mestres gnósticos, a salvação estava no conhecimento, desligado da vida prática. Somente por meio da iluminação mental e espiritual a pessoa entrava em comunhão com o Deus verdadeiro. Dessa forma, a fé cristã era substituída pelas buscas espirituais sem o seguimento do evangelho de Jesus Cristo. Como se estava na pretensa união com Deus, na vida moral não havia pecado nem julgamento de Deus, o que abria espaço à libertinagem, corrupção e imundícies.

A segunda carta de Pedro e a carta de Judas mostram urgência em seus propósitos de advertir as comunidades cristãs contra os falsos profetas ou mestres. Repreendem e rejeitam os pensamentos e as práticas dos falsos profetas atuantes nas comunidades, os quais buscavam destruir a fé alimentada pela prática do evangelho de Jesus Cristo, transmitida pelos apóstolos (cf. Jd 3).

A loucura de Deus

O Cristo de João

Alberto Maggi



Rejeitado pela família, de modo que “nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele” (Jo 7,5), e abandonado por grande parte dos seus seguidores, para as autoridades judaicas Jesus é apenas um louco, um obcecado. Somente um louco, um samaritano endemoninhado, podia, com efeito, denunciar os chefes religiosos como filhos do diabo e assassinos (Jo 8,48) e desejar o fim da instituição religiosa, que se acreditava que fosse desejada pelo próprio Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Assim como as duas cartas católicas (Jd e 2Pd), a primeira carta de João – uma carta católica do fim do século I ou começo do século II – enfrenta esse problema e assume o objetivo de advertir as comunidades contra os falsos profetas ou anticristos, que brotam do seio das comunidades (cf. 2,19):

a) *Mundo e libertinagem*: “Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro – são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo” (1Jo 2,15b-16).

b) *Renegar Jesus como o Messias*: “Quem é o mentiroso, senão quem nega que Jesus é o Messias? Esse tal é o Anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho” (1Jo 2,22);

c) *Conhecer a Deus*: “Quem diz que conhece a Deus, mas não trata de guardar os mandamentos dele, é mentiroso; nesse não está a verdade” (1Jo 2,4).

Alguns membros se afastam da comunidade porque pretendem viver a vida que vem do mundo do Maligno, gerador de desejos desenfreados de riqueza e de prazer. Por isso rejeitam Jesus Cristo, o Messias encarnado, e não praticam os mandamentos do amor ao próximo. Dizem ter o conhecimento de Deus e, por conseguinte, creem estar em comunhão com ele, sem pecado nem julgamento. Com seus pensamentos e práticas, provocam conflito e divisão na comunidade.

Diante do conflito desordenado com os inimigos ou rivais, o autor de 1Jo, o representante da comunidade, reage energeticamente, condenando-os e identificando-os como “anticristos” que têm aparecido na comunidade. Alerta a comunidade para que fique atenta e saiba discernir quem são os anticristos ou os falsos profetas.

3. Organização da primeira carta de João

A comunhão com Deus e com seu Filho, Jesus Cristo, é o tema principal da primeira carta de João: “Quem confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus” (4,15). Essa confissão implica assumir o mandamento do amor: “Que acreditemos no nome do seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, conforme o mandamento que ele nos deu” (1Jo 3,23b; cf. Jo 13,34; 15,17). É no amor fraterno que cada pessoa se torna morada de Deus e do seu Filho, Jesus Cristo.

A primeira carta de João evidencia a importância da encarnação de Jesus Cristo. É possível que as comunidades estivessem influenciadas por outras formas de compreender Jesus Cristo, acolhendo ensinamentos que faziam distinção entre Jesus, o homem, e o Cristo, o enviado de Deus, negando a dimensão e a importância da vida e da prática de Jesus bem como sua morte na cruz.

Como está estruturada a primeira carta de João? Alguns afirmam que essa carta é a junção de cinco a nove trechos de homilias, outros acreditam ser a reunião de duas cartas menores. Há também os que observam o fato de ela ter a mesma estrutura do Evangelho de João (prólogo, epílogo e duas partes). Aqui, vamos utilizar a proposta de estrutura que divide a carta em três partes (1,5-2,28; 2,29-4,6; 4,7-5,13), com um prólogo (1,1-4) e um epílogo (5,14-21).

Prólogo (1Jo 1,1-4): Vimos, escutamos, contemplamos e tocamos o Verbo da Vida! O prólogo apresenta uma síntese da carta, testemunhando, com todos os sentidos, a encarnação e reforçando a comunhão com o Pai, o Filho e a comunidade. Jesus Cristo é a Palavra encarnada!

“A primeira carta de João evidencia a importância da encarnação de Jesus Cristo”



Primeira parte (1Jo 1,5-2,28): Deus é luz. Luz é sinônimo de vida, de realidade do bem; trevas são tudo o que se opõe à vida, indicam as realidades contrárias ao projeto de Deus. Caminhar na luz é aceitar o projeto de Deus realizado na vida e morte de Jesus Cristo (cf. 1Jo 1,5-7). Esse caminho tem quatro condições: a) reconhecer-se pecador (cf. 1Jo 1,8-2,2); b) o amor (cf. 1Jo 2,3-11); c) não amar o mundo (cf. 1Jo 2,12-17); d) preservar-se dos anticristos (cf. 1Jo 2,18-28).

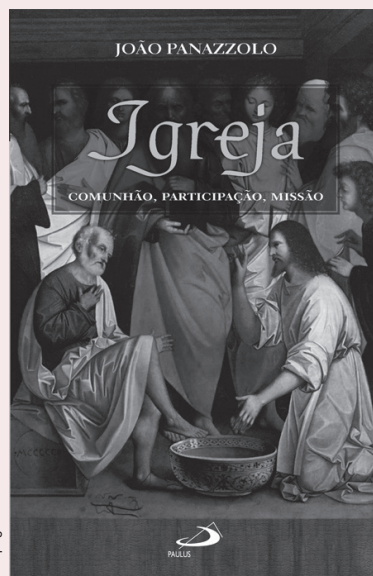
Para essa comunidade, pecado é adesão às realidades de injustiça. Caminhar na luz exige vivenciar o mandamento do amor, base das relações humanas: “Quem diz que permanece em Deus deve caminhar como Jesus caminhou” (1Jo 2,6). As pessoas são orientadas para não aceitar as realidades de injustiça, denominadas pelo autor de “mundo”. Finalizando esta parte, o autor faz um apelo para que a comunidade reconheça o Anticristo – aquele que nega que Jesus é o Messias (cf. 1Jo 2,22) – e dele saiba se preservar.

Segunda parte (1Jo 2,29-4,6): É a partir de Jesus que podemos ser chamados de filhas e filhos de Deus, e a exigência é viver a prática da justiça. Para caminhar na justiça, são necessárias três atitudes: a) romper com o pecado (cf. 1Jo 3,3-10); b) observar o mandamento do amor (cf. 1Jo 3,11-24); c) discernir o verdadeiro Espírito (cf. 1Jo 4,1-6). Nesta parte, há forte contraste entre a justiça e o pecado. O amor e a solidariedade comprovam nossa identidade de filhas e filhos de Deus. A marca da vida cristã é o amor fraterno: “Jesus entregou sua vida por nós; portanto, também nós devemos entregar a vida pelos irmãos” (1Jo 3,16b). A comunidade é desafiada a examinar os espíritos para ver se vêm de Deus, e o critério é acreditar que “Jesus Cristo veio na carne” (cf. 1Jo 4,2).

Igreja

Comunhão, participação, missão

João Panazzolo



216 págs.

A Igreja tem uma missão universal e um projeto a realizar com toda a humanidade. A Igreja se constitui como comunhão, participação e missão; as duas primeiras são condições indispensáveis para o cristão, mas ambas se completam na missão. Em seis capítulos muito bem fundamentados, este livro mostra como a Igreja deve testemunhar a Nova Aliança, Jesus e o seu Reino a todos os povos da Terra.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Terceira parte (1Jo 4,7-5,13): Amor e fé são os temas da terceira parte. Ao abordar o tema do amor, por duas vezes o autor afirma que Deus é amor (cf. 1Jo 4,8.16). Amar é fazer a experiência da essência divina presente em nós. O amor de Deus é concreto: “Deus enviou seu Filho único ao mundo, para podermos viver por meio dele” (1Jo 4,9). É o amor fraterno que nos possibilita conhecer a Deus. A única forma de permanecer em Deus é no amor, que nos liberta de todo temor: “No amor não existe medo” (1Jo 4,18a). A experiência de amar e ser amado ajuda a pessoa a vencer o mundo – as realidades de injustiça. Assim, o autor anuncia o último tema: a fé (cf. 1Jo 5,4-13). É capaz de vencer o mundo quem acredita que Jesus é o Filho de Deus, o Messias encarnado, o amor de Deus feito carne. Ele é a fonte da vida eterna (cf. 1Jo 5,11-12). A carta conclui reforçando que a comunidade que acredita no nome do Filho de Deus tem a vida eterna (cf. 1Jo 5,13).

Epílogo (1Jo 5,14-21): Oração pelos pecadores e a fé em Jesus Cristo. É a oração que nos põe em contato com o projeto de Deus e com as pessoas. A comunidade é chamada a rezar pelas pessoas sujeitas a fraquezas humanas, “o pecado que não leva à morte”. A rejeição do projeto que Deus realiza por meio de Jesus Cristo encarnado é um pecado que leva à morte. O texto finaliza com uma advertência: “Filhinhos, fiquem longe dos ídolos” (5,21). É preciso afastar-se de qualquer tipo de idolatria. Deus quer vida plena para todas e todos.

A leitura da primeira carta de João nos ajuda a retomar os ideais da vida cristã. A Palavra da Vida continua se encarnando entre nós para ser Caminho, Verdade e Vida,

inspirando-nos novas práticas de amor ao próximo. É uma carta que lança o convite às suas leitoras e aos seus leitores para romper com o pecado, com o mundo e com os anticristos. Há um acento especial na observância do mandamento do amor, porque Deus é amor. Que novamente possamos

ver, ouvir, contemplar, tocar e testemunhar a Palavra que se faz carne, atendendo ao apelo para dar continuidade à missão de Jesus: a implantação do Reino de Deus.

“É a partir de Jesus que podemos ser chamados de filhas e filhos de Deus, e a exigência é viver a prática da justiça”

Conclusão: exigências para a vida cristã ontem e hoje

Vivemos em uma era na qual o real é substituído pelo virtual e a sociedade traz as marcas do individualismo, que prima pelo culto de si mesmo.

O que vale é viver e ser feliz a todo custo, sem se importar com as pessoas ao redor. Uma das chagas do nosso tempo é a insensibilidade social. A primeira carta de João, escrita para as primeiras comunidades cristãs, enfrentava conflitos semelhantes. Por isso se verifica nela a insistência no amor fraterno, na comunhão com o irmão, com a irmã, como a base para o relacionamento com Deus: “Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. E todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus” (4,7).

É pelo amor que nos tornamos filhas e filhos de Deus. Ele nos amou primeiro e por isso envia seu Filho para nos livrar da realidade de injustiça. É muito oportuno e necessário reler e atualizar a primeira carta de João nos tempos atuais. É um convite permanente a vivenciar o amor fraterno, que se traduz em gestos concretos.

Na vida cristã, o amor fraterno não é opcional, mas atitude fundamental. Eis alguns pontos da primeira carta de João sobre os quais podemos refletir:



a) Jesus, o Messias encarnado, nos purifica de todo o pecado (1Jo 1,5-2,2). Em resposta a um grupo que afirma estar em comunhão com Deus e isento de pecado, o autor sustenta que a comunhão com Deus exige a prática concreta de amor ao próximo. Recordando aos que estão em via de dissidência que afirmar estar sem pecado é negar a ação de Jesus Cristo, o servo chamado para o serviço da justiça (cf. Is 42,1-9). Ele sofre com a perseguição e a violência por causa da sua luta contra o pecado, entendido como a prática da injustiça (cf. 1Jo 1,9; Is 50,4-11), e morre como “vítima expiatória” pelo amor ao próximo até o fim (cf. Is 53,10). O autor, inspirado nos cânticos do Servo, reforça que Jesus Cristo “é a vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 2,2a). O amor de Deus é universal: “e não só pelos nossos, mas pelos pecados do mundo inteiro” (1Jo 2,2b; cf. 1Jo 4,14). Jesus Cristo, fiel e justo, é nosso advogado (cf. 1Jo 2,2). Ele é o Messias encarnado, que entrega sua vida pela salvação do ser humano. Ele se faz pessoa! A única forma de entrar em comunhão com Deus é aceitar Jesus Cristo, o Messias, e amar o próximo. Jesus Cristo, o Servo de Deus, purifica-nos de todo o pecado – da realidade de injustiça – e nos convoca para assumirmos o projeto divino, por ele vivenciado: amar até o fim.

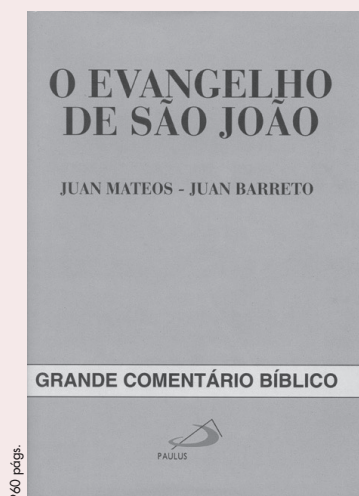
b) Não amar o mundo: a realidade do mal (1Jo 2,12-17). “Escrevo a vocês”; “Escrevi a vocês”: no presente e no passado, o autor exorta a comunidade, a qual carinhosamente chama de “filhinhos”, especificando dois grupos: os pais, as pessoas que aderiram ao projeto de Jesus Cristo há mais tempo – “desde o princípio” (1Jo 2,13) –, e os jovens, os recém-convertidos. Estes estão “vencendo o Maligno” – o mundo enquanto realidades de injustiça –, são fortes e a palavra de Deus permanece neles.

Em seguida, o autor da carta exorta: “Não amem o mundo nem o que há no

O Evangelho de São João

Grande comentário bíblico

Juan Mateos e
Juan Barreto



Um comentário completamente original do quarto Evangelho. O ponto de partida é a consideração do texto como obra unitária, em que cada parte só pode ser compreendida na sua relação com o todo. Da análise dos termos e das estruturas linguísticas e literárias, os autores chegam ao sentido teológico do quarto Evangelho de João, finalizando com uma hermenêutica objetiva, livre de fantasias e preconceitos doutrinários. Obra imprescindível para o aprofundamento do evangelho joanino.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



mundo” (1Jo 2,15). O amor ao mundo e o amor do Pai são incompatíveis. Nesse texto, o mundo deve ser entendido como forças de oposição ao projeto do Deus amor. Jesus Cristo é o caminho que nos leva ao Pai. O que há no mundo? “Os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro” (1Jo 2,16).

Como podemos entender os maus desejos vindos da carne? São desejos desordenados que visam à própria satisfação, sem considerar as necessidades das outras pessoas. O desejo entra pelos olhos, refere-se ao mundo mental. Quantas coisas vemos e desejamos? Os desejos criados pelo mundo do Império Romano são semelhantes aos desejos do mundo em que vivemos. A sociedade incentiva o consumismo. A todo momento, somos estimuladas/os pela visão, e muitas pessoas se endividam para preencher necessidades criadas pela sociedade capitalista. A arrogância do dinheiro faz a pessoa querer mais e mais. O que há neste mundo é contrário ao projeto de Deus.

Com um olho no chão da vida das primeiras comunidades e outro em nossas comunidades do presente, enxergamos a mesma realidade: de um lado, luxo e riqueza; de outro, miséria, exploração, corrupção e morte. É nesse chão que as primeiras comunidades foram interpeladas a viver o seguimento de Jesus Cristo, e esse mesmo apelo continua nos convocando para vivermos o compromisso profético.

c) Discernir os sinais do verdadeiro Espírito (1Jo 4,1-6). O autor da primeira carta de João nos põe diante de dois grupos: de um lado, estão as comunidades, que ele chama de “amados”, “filhinhos”, os que são de Deus; de outro, “os que dizem ter o Espírito

de Deus”, os “falsos profetas”, os “anticristos”, os que “falam a linguagem do mundo”.

Como distinguir o verdadeiro do falso profeta? O autor indica um critério claro: “Quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne, esse vem da parte de Deus” (1Jo 4,2).

E quem nega isso é o Anticristo (cf. 1Jo 4,3; 2,22). O principal critério é confessar que Deus se fez carne: “O que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que temos contemplado e nossas mãos têm apalpado: a Palavra da Vida” (1Jo 1,1).

Quem é de Deus reconhece Jesus Cristo. Essa confissão implica ir além do assistencialismo e comprometer-se com a construção de uma sociedade justa e solidária, em oposição às realidades que negam a vida do ser humano. Negar Jesus

Cristo é rejeitar o próprio Deus. Qual resposta podemos dar à pergunta sobre se somos de Deus? Nossa fala, escuta e ação revelam nossa origem. É preciso continuar vida afora o processo de discernimento para distinguir os verdadeiros dos falsos profetas. Nosso seguimento de Jesus Cristo deve nos levar a um compromisso profético com a justiça, especialmente para os empobrecidos, que continuamente têm os direitos pisoteados e roubados. Reconhecer Jesus Cristo na carne é dar continuidade à sua missão: “Como o Pai me enviou, eu também envio vocês” (Jo 20,21b).

d) O amor faz a vida ressurgir (1Jo 3,11-24). Um texto que começa e termina com o amor fraterno. O centro é o amor que gera a vida e o ódio que provoca a morte. Não existe uma forma de amar sem manifestar práticas concretas de amor ao próximo. O amor não é teoria, mas exige compromisso concreto com a vida digna de nossas irmãs

**“Nosso
seguimento
de Jesus Cristo
deve nos levar a
um compromisso
profético
com a justiça,
especialmente
para os
empobrecidos”**



e irmãos, e é o Mestre que nos aponta o caminho: “Porque Jesus entregou sua vida por nós; portanto, também nós devemos entregar a vida pelos irmãos” (1Jo 3,16).

O amor de Deus não está em quem é insensível ao sofrimento de seus semelhantes. O apelo ao amor fraterno é incisivo. Nesta carta, não se pede amor a Deus, mas sim ao irmão. Um amor concreto que nos move à compaixão e à solidariedade, especialmente para com as pessoas pobres e oprimidas. “Quem não ama permanece na morte” (3,14b). Somos chamadas e chamados a fortalecer nossa fé em Jesus encarnado e no amor mútuo.

Os anticristos acreditavam que passariam da morte para a vida sem julgamento, mesmo não amando suas irmãs e irmãos. O único elemento que pode tranquilizar nossa consciência é o amor. O critério é guardar o mandamento de Deus: “Que acreditemos no nome do seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros conforme o mandamento que ele nos deu” (1Jo 3,23). E o mandamento é: “amemo-nos uns aos outros” (1Jo 3,11; cf. Jo 13,34; 15,17). O amor é a condição para Deus se fazer morada em nosso meio (cf. Jo 14,23; 1Jo 3,24).

e) Deus é amor (1Jo 4,7-5,4). O verbo *agapan*, usado 34 vezes nesse texto, indica um amor incondicional, que se manifesta em gestos concretos. É amor que age, que sai ao encontro da outra, do outro: “o amor vem de Deus”, ele nos amou primeiro (1Jo 4,7.10.19). Deus é a origem e a essência do amor e o único caminho para chegarmos até ele, pois “Ele é amor” (1Jo 4,8.16). Nossa experiência de Deus passa pela vivência do amor: “Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece conosco, e seu amor acontece em nós de forma perfeita” (1Jo 4,12).

Jesus Cristo é a manifestação concreta do amor de Deus: “Deus enviou seu Filho único ao mundo para podermos viver por

Jesus Cristo veio na carne é de Deus (1Jo 4,2)

Entendendo a primeira carta de João

Centro Bíblico Verbo



Testemunhar Jesus feito carne (1Jo 4,2) é o principal tema da primeira carta de João, e, ao mesmo tempo, o ponto crucial de conflito na comunidade. Isso porque alguns membros não reconhecem Jesus, “Verbo encarnado”, que viveu amando e servindo ao próximo. Este volume da coleção “Do povo para o povo” elucida cada detalhe da primeira carta de João, que neste ano é tema de estudo do Mês da Bíblia, em setembro.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



meio dele” (1Jo 4,9.14). Não é possível separar amor a Deus de amor ao próximo. A condição para permanecer em Deus não é seguir um conjunto de regras ou cumprir alguns rituais, mas amar. “No amor não existe medo. Pelo contrário, o amor perfeito lança fora o medo” (1Jo 4,18a).

O amor a Deus se comprova com base em nossa capacidade de amar as irmãs e os irmãos. Nesse sentido, o autor da primeira carta de João afirma: “Se alguém disser: ‘Eu amo a Deus’, mas odeia seu irmão, esse tal é um mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E este mandamento nós o recebemos dele: quem ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,20-21). O texto é muito claro: a única forma de experimentar Deus é o amor fraterno.

É fundamental compreender a realidade do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo encarnado. No centro da vida cristã está o amor, e nossa confissão de fé deve nos impulsionar para o serviço às pessoas necessitadas. Amar e ser amado nos torna participantes da essência divina. Não tem sentido uma religião centrada numa fé individualista e no cumprimento de rituais, desligada da

vida. A ideologia que sustenta o poder e a opressão é contrária ao evangelho de Jesus, o Messias encarnado, que assume a causa da justiça até a entrega da própria vida e nos convoca a seguir o mesmo caminho.

Voltamos à pergunta inicial: que sinal identifica o cristão? É o sinal da cruz? A cruz, em si, é símbolo de tortura, mas, para a vida cristã, é a consequência de um amor que se entrega até o fim: “Ninguém tem amor maior do que alguém que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13). É o amor que gera a fé: “Todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo” (1Jo 5,4). Portanto, o apelo feito às primeiras comunidades continua válido para as comunidades cristãs de todos os tempos: caminhar como Jesus caminhou (cf. 1Jo 2,6b).

A primeira carta de João tem como eixo central a confissão de que Jesus é o Filho de Deus: “Quem confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus” (4,15). Trata-se de carta para ser lida, rezada, meditada, contemplada, pois o amor é um processo permanente em nossa vida e sempre novo. Amor e conhecimento de Deus são inseparáveis. É amando que Deus permanece conosco! Amemo-nos: eis a condição para superar a realidade de morte. ●

Referências bibliográficas

(Dos três artigos sobre a primeira carta de João)

BORTOLINI, José; BAZAGLIA, Paulo. *Como ler as cartas de João*. São Paulo: Paulus, 2001.

DUFF, Paul B. *Jesus followers in the Roman empire*. Grand Rapids: Eerdmans, 2017.

EHRMAN, Bart D. *Evangelhos perdidos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HORSLEY, Richard A. (Org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

MACARTHUR, John. *1-3 John*. Chicago: Moody Publishers, 2007 (The MacArthur New Testament Commentary).

SMALLEY, Stephen S. *1, 2, 3 John*. Waco, Texas: Word Books, 1984 (Word Biblical Commentary, 51).

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.

WINN, Adam (Org.). *An introduction to empire in the New Testament*. Atlanta: SBL Press, 2016.

O falso profeta nega o Jesus da história, o Messias encarnado

Uma leitura da primeira carta de João 4,1-6

Shigeyuki Nakanose*

São Oscar Romero (1917-1980) foi um bispo comprometido com a caminhada do povo de El Salvador. Viveu seu ministério num período de grande repressão e mortes nesse país.

Em suas homilias dominicais, manifestava sua solidariedade com as vítimas da violência política e socioeconômica.

Foi assassinado durante a celebração eucarística, no dia 24 de março de 1980, por um atirador de elite do exército salvadorenho. Na véspera de sua morte, fez a seguinte exortação: “Em nome de Deus e desse povo sofredor, cujos lamentos sobem ao céu todos os dias, eu lhes peço, eu lhes suplico, eu lhes ordeno: cessem a repressão”.

* Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores – Itesp. Juntamente com o Centro Bíblico Verbo, tem publicado todos os anos pela Paulus um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. O do ano de 2019 é *Jesus Cristo veio na carne é de Deus (1Jo 4,2): entendendo a primeira carta de João*. E-mail: shigenakanose@ig.com.br

Introdução

São Oscar Romero, com sua prática de vida, testemunhou a encarnação em 14 de outubro de 2018. Tal testemunho mostra seu seguimento cristão radical: embora fosse perseguido, caluniado, difamado, permaneceu fiel até o fim. Ele recebeu críticas, calúnias e violência até mesmo de pessoas cristãs no seio das comunidades. Eram cristãos que não seguiam o Jesus da história, o Messias encarnado, e seu mandamento do amor ao próximo.

Deus se encarna em Jesus de Nazaré, e a partir de Jesus Messias encarnado somos chamados/os a viver o amor ao próximo, condição para Deus continuar se encarnando em nosso meio. No entanto, ontem como hoje, houve desentendimentos e conflitos nas primeiras comunidades cristãs por causa do grupo chamado de “falsos profetas” ou “anticristos”, que negou Jesus feito carne e sua existência humana. Esse grupo espiritualizava o seguimento de Jesus e sua relação com Deus, o que ocasionava o desprezo ao mandamento do amor ao próximo e a indiferença diante das injustiças e violências do mundo em que viviam.

1. Os falsos profetas

A segunda carta de Pedro (2Pd), uma das cartas católicas escritas no início do século II na Ásia Menor, descreve a presença de falsos profetas na comunidade:

Houve também falsos profetas no meio do povo. Assim também entre vocês vão aparecer falsos mestres, introduzindo seitas maléficas. Renegando o Senhor que os resgatou, trarão rápida destruição para si mesmos. Muitos vão seguir suas doutrinas dissolutas, e por causa

deles o caminho da verdade será difamado. Por cobiça de dinheiro, com discursos enganadores, vão procurar que vocês se tornem objeto de negócios. Mas o julgamento deles já começou a fazer tempo, e a sua destruição não demorará (2Pd 2,1-3).

**“Renegam
o Salvador
Jesus Cristo,
sua vida
terrestre, morte,
ressurreição e a
promessa da sua
volta gloriosa
(parusia)”**

Renegar o Senhor, difamar o caminho da verdade, cobiçar dinheiro... Os falsos profetas não seguem o ensinamento de Jesus Cristo e até renegam sua autoridade como Salvador, criando divisões e conflitos nas comunidades. Eis aqui seus principais ensinamentos e práticas, conforme a segunda carta de Pedro:

a) Renegar o Senhor: “Portanto, se pelo conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo alguém se afastou das imundícies do mundo, e novamente se deixa seduzir e se rende a elas, seu último estado torna-se pior que o primeiro” (2Pd 2,20); “Especialmente os que se entregam ao próprio instinto e seus imundos apetites e desprezam a autoridade do Senhor” (2Pd 2,10a). Os falsos mestres, tendo experimentado o poder salvífico de Jesus Cristo, agora voltam às imundícies do mundo e rejeitam o ensinamento e os atos de Jesus feito carne, transmitidos pelos apóstolos (cf. 2Pd 3,2). Renegam o Salvador Jesus Cristo, sua vida terrestre, morte, ressurreição e a promessa da sua volta gloriosa (parusia).

b) Não haverá a vinda do Senhor: “Antes de tudo, vocês precisam saber que no fim dos tempos vão aparecer cínicos e zombadores, entregues a seus próprios desejos. Eles dirão: ‘O que aconteceu com a vinda dele que estava prometida? Desde que mor-

reram nossos pais, tudo continua o mesmo desde o início do mundo” (2Pd 3,3-4). Diante da demora da vinda do Senhor, os falsos mestres ridicularizam e rejeitam o anúncio profético do “poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Pd 1,16). Para eles, não haverá segunda vinda nem julgamento final do Senhor.

c) Libertinagem, corrupção e imundícies: “Sua ideia de prazer é a orgia em pleno dia. Sujos e nojentos, deliciam-se nos próprios enganos quando fazem banquete com vocês. Têm os olhos cheios de adultérios e nunca se cansam de pecar. Seduzem quem está inseguro, e a mente deles está treinada para a ambição” (2Pd 2,13-14). Como, a seu ver, não haverá parusia nem julgamento, é permitido realizar todos os desejos.

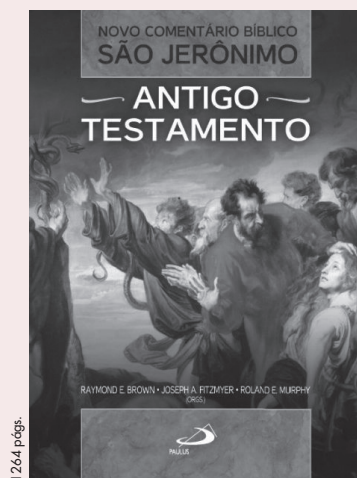
Os grupos chamados de “falsos profetas” e de “anticristos” provavelmente eram do cristianismo gnóstico, que se desenvolveu mais fortemente no século II. Para alguns deles, a salvação estava no conhecimento, ou *gnosis*, em grego. Bastava ter um esclarecimento espiritual para estar em comunhão com Deus. O gnosticismo cristão substituiu a prática concreta do amor – a essência do seguimento de Jesus – por rituais e conhecimentos espirituais desligados da vida prática. Por terem tais conhecimentos e participarem dos rituais do grupo, achavam que estavam em união com Deus e assim não havia pecado nem o julgamento de Deus para eles. Por isso não buscavam viver de modo coerente com o evangelho na vida diária, entregando-se à libertinagem e despreocupando-se com a justiça e com a defesa da dignidade humana.

Na segunda carta de Pedro, o autor reage energeticamente ao movimento gnóstico cristão, declarando que o conhecimento não é simplesmente a percepção intelectual e participação em rituais esotéricos:

Novo Comentário Bíblico São Jerônimo

Antigo Testamento

Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (eds.)



1264 págs.

O *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo* é uma verdadeira enciclopédia bíblica, na qual, além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos, encontram-se também artigos mais amplos concernentes à História de Israel, à teologia bíblica e à hermenêutica. Obra indispensável para qualquer biblioteca de teologia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



antes, é uma experiência concreta de Jesus, Deus encarnado, que resulta no seguimento do evangelho e na transformação moral: “Com seu poder divino, Deus nos deu tudo o que leva à vida e à piedade, por meio do conhecimento de Jesus, o qual nos chamou por sua própria glória e mérito” (2Pd 1,3).

A presença de falsos profetas ou mestres gnósticos não é um problema totalmente novo na vida das comunidades cristãs. A carta de Judas, outra carta católica, escrita um pouco antes da segunda carta de Pedro, já apresenta o conflito e a divisão por causa do pensamento e da prática dos falsos profetas:

a) Falsos mestres: “Nos últimos tempos aparecerão homens cínicos, que seguirão suas paixões ímpias. São eles que provocam divisões, são psíquicos e não possuem o Espírito” (Jd 18-19).

b) Renegar o Senhor Jesus Cristo: “Porque se infiltraram entre vocês alguns indivíduos há tempo marcados para esta sentença: homens sem piedade, que transformam a graça de nosso Deus em pretexto para a indecência e renegam o único mestre e Senhor Jesus Cristo” (Jd 4).

c) Conhecimento irracional: “Esses indivíduos, ao contrário, blasfemam tudo o que não conhecem, e as coisas que conhecem fisicamente, como animais irracionais, os levam à perdição” (Jd 10).

d) Libertinagem: “São uns murmuradores, revoltados contra o destino, que se deixam levar pelas próprias paixões. Sua boca profere palavras arrogantes e, se louvam as pessoas, é por interesse” (Jd 16).

e) Contaminar a refeição fraterna: “São eles que contaminam as refeições fraternas de vocês, regalando-se com irreverência e apascentando a si mesmos” (Jd 12a).

No fim do século I ou início do século II, a segunda carta de Pedro e a carta de Judas mostram urgência em seus propósitos: advertir as comunidades cristãs contra os falsos profetas ou mestres, que podem ser os precursores do movimento gnóstico. Tais cartas repreendem e rejeitam os pensamentos e as práticas deles, que atuam nas comunidades buscando destruir a fé alimentada pela prática do evangelho de Jesus Cristo, transmitido pelos apóstolos

(cf. Jd 3).

Como as duas cartas católicas de Jd e 2Pd, a primeira carta de João, uma carta católica do fim do século I ou começo do século II, enfrenta o problema e assume o objetivo de advertir as comunidades contra os falsos profetas ou anticristos, que brotam do seio das comunidades:

a) Surgiram do seio da comunidade: “Eles saíram do meio de nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco. Mas eles nos deixaram, para que ficasse claro que nem todos eram dos nossos” (1Jo 2,19).

b) Mundo e libertinagem: “Não amem o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro – são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo” (1Jo 2,15-16).

“O gnosticismo cristão substituiu a prática concreta do amor por rituais e conhecimentos espirituais desligados da vida prática”



c) Renegar Jesus como o Messias: “Quem é o mentiroso, senão quem nega que Jesus é o Messias? Esse tal é o Anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho também não tem o Pai. Quem reconhece o Filho também tem o Pai” (1Jo 2,22-23).

d) Conhecer a Deus: “É assim que sabemos se conhecemos a Deus: se guardamos seus mandamentos. Quem diz que conhece a Deus, mas não trata de guardar os mandamentos dele, é mentiroso; nesse não está a verdade” (1Jo 2,3-4).

Alguns membros se afastam da comunidade porque pretendem viver a vida que vem do mundo do Maligno (cf. 1Jo 2,14-15): são dominados pelos desejos de riqueza e de prazer, por isso rejeitam Jesus como Cristo Messias e não praticam os mandamentos do amor ao próximo. No entanto, dizem ter o conhecimento (*gnosis*) de Deus e, por isso, creem estar em comunhão com ele e isentos de pecado e julgamento. Com seus pensamentos e prática, eles provocam conflito e divisão na comunidade. A terceira carta de João, por exemplo, lembra a presença do grupo, que não assume a prática da hospedagem, deixando de acolher os irmãos na comunidade.

Diante do conflito desordenado com os inimigos ou rivais, o autor da primeira carta de João reage energicamente, condenando-os e identificando-os como “anticristos” que têm aparecido na comunidade (cf. 1Jo 2,18). Alerta a comunidade para que fique atenta e saiba discernir quem são os anticristos ou os falsos profetas. Em 1Jo 4,1-6, o autor aprofunda e resume o critério de discernimento.

2. Preservar-se dos falsos profetas (1Jo 4,1-6)

Sempre houve aqueles que tentavam seduzir o povo e desviá-lo do caminho do Deus da vida, sejam eles profetas da corte

de Judá (cf. Mq 3,9-12), falsos profetas ou ainda mestres no meio das comunidades cristãs (cf. Mt 7,15-17). Homens e mulheres do Deus da vida não deixam de discernir e combater os pensamentos e as práticas dos falsos profetas e advertir a comunidade para que não se envolva com tais pessoas. Esse também foi o trabalho do autor e seu grupo da comunidade cristã da primeira carta de João diante de seus adversários, chamados de anticristos ou falsos profetas.

Um dos pontos mais importantes de discernimento é saber: quem vem de Deus e quem vem do mundo do Maligno? Via de regra, os falsos profetas se consideram mais religiosos e mais perto de Deus. Alegam proclamar sob a inspiração do Espírito de Deus todo-poderoso. Na verdade, contudo, há vários espíritos, como alerta o autor de 1Jo: “Amados, não acreditem em todos os que dizem ter o Espírito. Ao contrário, examinem os espíritos, para ver se vêm de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora” (1Jo 4,1).

Na comunidade de 1Jo, são muitos os anticristos que têm aparecido no meio dos seguidores de Jesus, alegando falar com o Espírito de Deus (cf. 1Jo 2,18). O autor, porém, exalta o fato de que os membros da comunidade possuem “a unção que vem do Santo e têm a sabedoria” para discernir entre o que vem de Deus e o que vem do mundo (cf. 1Jo 2,20). Ou seja, com a unção do Espírito Santo (batismo – crisma), os membros cristãos conhecem e experimentam a presença de Deus, sua Palavra, verdade e vida, em Jesus Cristo (cf. 1Jo 2,27).

Segundo a comunidade joanina, a ação do Espírito (paráclito, advogado, Espírito da verdade, Espírito Santo) é recordar, ensinar e completar o ensinamento de Jesus Cristo: “O Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e lembrará a vocês tudo o que eu lhes tenho dito” (Jo 14,26).



Não se trata, contudo, de qualquer Jesus Cristo. A fé alimentada e transmitida pelos evangelhos professa Jesus Cristo como Deus encarnado no meio da humanidade: “A Palavra (Verbo) se fez carne e armou sua tenda entre nós. E nós contemplamos sua glória, glória que ela tem como Filho único do Pai, cheio de graça e verdade” (Jo 1,14).

Jesus Cristo é verdadeiro ser humano (carne), manifestado, visto e tocado: “O que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que temos contemplado e nossas mãos têm apalpado” (1Jo 1,1); não um Jesus Cristo de simples espírito, “conhecido” e pregado pelos anticristos gnósticos, mas Jesus, o Messias encarnado, que viveu, caminhou e trabalhou com seu povo sofrido para promover a justiça, a liberdade e a vida. É Jesus Cristo com sua prática libertadora, prisão, tortura, paixão, morte e ressurreição.

Portanto, o reconhecimento de Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado é ponto crucial na distinção de quem tem o Espírito de Deus: “É assim que vocês saberão se alguém tem o Espírito de Deus: quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne, esse vem da parte de Deus” (1Jo 4,2). Jesus é o Cristo Salvador, encarnação de Deus: sua total humanidade como o Messias e sua total divindade como o Filho de Deus (cf. Fl 2,6-11).

Não é, porém, suficiente discernir e reconhecer Jesus Cristo encarnado; é necessário praticar sua Palavra para estar em comunhão com o Espírito de Deus: “Que acreditemos no nome do seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, conforme o mandamento que ele nos deu. Quem guarda os mandamentos dele permanece em Deus, e Deus nele. Nisso percebemos que

Deus permanece em nós: pelo Espírito que ele nos deu” (1Jo 3,23-24). Não existe comunhão com Deus sem amor!

Os anticristos são os que não agem assim; são os que dizem ter o Espírito de Deus, mas não amam seus irmãos porque negam que Jesus Cristo tenha vindo na carne

para praticar a justiça e o amor e promover a vida. São falsos profetas que não falam sob a inspiração divina, mas sob o espírito do Anticristo: “Todo aquele que não reconhece a Jesus não vem de Deus. Esse é o espírito do Anticristo. Vocês têm ouvido dizer que o Anticristo está para vir; no entanto, ele já está no mundo” (1Jo 4,3); “Eles são do mundo e por isso falam a linguagem do mundo, e o mundo os ouve” (1Jo 4,5).

Essas duas frases resumem quem são os falsos profetas ou os anticristos. Eles foram da comunidade cristã, ungidos pelo Espírito Santo, e possuíam a sabedoria de discernir e ensinar quem é Jesus Cristo (cf. 1Jo 2,18-22). Entretanto se afastaram da comunidade, porque pretendiam viver à maneira do mundo possuído pelo Maligno: “Tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro” (1Jo 2,16a). É o modo de viver da sociedade greco-romana: a busca ilimitada de bens, poder, prazer e honra, com a exploração dos pobres e escravos.

Não obstante, os falsos profetas continuam a dizer que são cristãos e que falam sob o Espírito de Deus, seduzindo os fiéis e provocando desentendimentos e conflitos na comunidade. Agora, como eles se justificam, dizendo ser cristãos? Nesse ponto está a mudança do ensinamento: a) não reconhecem Jesus Cristo como o Messias encarnado, ou seja, separam sua realidade huma-

“O reconhecimento de Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado é ponto crucial na distinção de quem tem o Espírito de Deus”

na da sua função messiânica; b) negam a prática libertadora de Jesus, sua prisão, morte e ressurreição; c) consideram Jesus Cristo como uma imagem ou aparência de Deus, porque a divindade jamais assumiria a carne humana – uma vez que a matéria seria essencialmente má, segundo a filosofia grega; d) pregam o conhecimento racional e espiritual de Deus como o único caminho para estar em comunhão com ele e com Jesus Cristo “espiritual”.

Com esse ensinamento ou doutrina, os falsos profetas pensam e afirmam estar em perfeita comunhão com Deus, ainda que sem comunhão com os irmãos – o amor ao próximo. Separam a fé e o ensinamento cristão da prática do evangelho de Jesus Cristo, abrindo e justificando o espaço para sua atuação no mundo: eles são do mundo.

No entanto, foi contra esse “mundo” do Maligno que o próprio Jesus lutou, sofrendo, morrendo, sendo ressuscitado e vencendo: “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem: eu venci o mundo” (Jo 16,33b). O Espírito de Jesus vence o espírito do Anticristo! O Espírito de Deus está com quem segue Jesus Cristo, o Messias encarnado: “Filhinhos, vocês são de Deus e estão vencendo os falsos profetas, pois aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo” (1Jo 4,4).

Enfim, o autor não se cansa de alertar a comunidade de Deus contra os falsos profetas e seu “espírito de erro”: “Mas nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve; quem não é de Deus não nos ouve. É assim que podemos separar o espírito da verdade do espírito do erro” (1Jo 4,6).

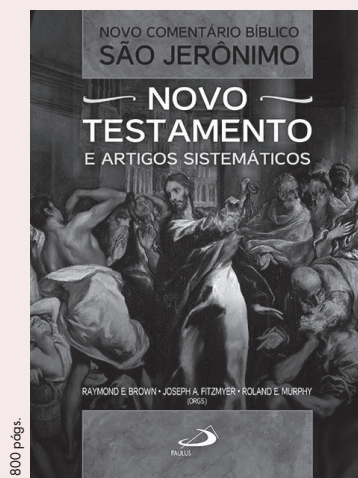
3. A encarnação do Verbo: o critério da fé, da ética e da missão profética

A primeira carta de João apresenta a encarnação do Verbo, o Filho de Deus, como critério fundamental para discernir os anticristos e os falsos profetas:

Novo Comentário Bíblico São Jerônimo

Novo Testamento e artigos sistemáticos

Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (eds.)



1800 págs.

Concisão, objetividade e clareza são apenas algumas das características dos artigos deste comentário, destinado não só a exegetas e teólogos, mas também a pregadores, missionários, catequistas, cientistas de outras áreas do conhecimento e aos que buscam informações consistentes e abalizadas sobre o livro da Palavra de Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



• “Quem é o mentiroso, senão quem nega que Jesus é o Messias? Esse tal é o Anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho também não tem o Pai. Quem reconhece o Filho também tem o Pai” (1Jo 2,22-23).

• “É assim que vocês sabem se alguém tem o Espírito de Deus: quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne, esse vem da parte de Deus. E todo aquele que não reconhece a Jesus não vem de Deus. Esse é o espírito do Anticristo. Vocês têm ouvido dizer que o Anticristo está para vir; no entanto, ele já está no mundo” (1Jo 4,2-3).

No interior da comunidade, surge um grupo de dissidentes, chamados de anticristos e falsos profetas (cf. 1Jo 2,18-19; 4,1), que nega o Jesus da história como o Cristo, o Filho de Deus. Eles tentam dissociar Jesus de Nazaré do Cristo da fé e separar a fé cristã da vida prática: “Quem diz que conhece a Deus, mas não trata de guardar os mandamentos dele, é mentiroso; nesse não está a verdade” (1Jo 2,4); “Quem diz que está na luz, mas odeia seu irmão, está na escuridão até agora” (1Jo 2,9). Os dissidentes provocam desentendimentos, conflitos e crise, seduzindo os fiéis para o mundo do Maligno (cf. 1Jo 2,12-17).

No confronto direto com esse problema gravíssimo, a primeira carta nasce para dar uma resposta adequada e assim retomar, orientar e fortalecer a fé cristã e a exigência ética e pastoral:

a) Fé em Jesus, o Messias encarnado: “Quem é que pode vencer o mundo, a não ser quem acredita que Jesus é o Filho de Deus? Este é aquele que veio através da

água e do sangue: Jesus Cristo, que não veio só através da água, mas da água e do sangue. E o Espírito é quem dá testemunho, pois o Espírito é a verdade. Porque são três os que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue; e os três estão de acordo entre si” (1Jo 5,5-8). A afirmação funda-

mental de 1Jo é a fé no Jesus da história, o Filho de Deus que veio na carne e assumiu a condição humana: a encarnação do Verbo. Ao contrário, os dissidentes dissociam o Cristo glorioso, manifestado no batismo (água: cf. Jo 1,29-34), do homem Jesus, morto na cruz (sangue: cf. Jo 19,31-37) por causa da sua prática do amor ao próximo, até o fim.

“O Espírito é aquele que recorda e completa a trajetória humana e os ensinamentos do Messias encarnado, conduzindo os cristãos nos caminhos da verdade e da vida”

b) Fé traduzida no amor ao próximo: “O seu mandamento é este: que acreditemos no nome do seu Filho, Jesus

Cristo, e nos amemos uns aos outros, conforme o mandamento que ele nos deu. Quem guarda os mandamentos dele permanece em Deus, e Deus nele. Nisso percebemos que Deus permanece em nós: pelo Espírito que ele nos deu” (1Jo 3,23-24). O amor aos irmãos, no esforço para formar fraternidade, é fruto da fé cristã em Deus, que assumiu a trajetória humana e habitou no meio de seus “filhinhos”. E o Espírito é aquele que recorda e completa a trajetória humana e os ensinamentos do Messias encarnado, conduzindo os cristãos nos caminhos da verdade e da vida (cf. Jo 15,26).

c) Fé vivida e testemunhada: “Se aceitamos o testemunho humano, sabemos que o testemunho de Deus é maior. E este é o testemunho de Deus: ele deu testemunho a respeito do seu Filho. Quem acredita no Filho de Deus tem o testemunho dentro de si mes-

mo. Quem não acredita em Deus faz dele um mentiroso, porque não acredita no testemunho que ele deu em relação a seu Filho” (1Jo 5,9-10). Jesus Cristo encarnado é a grande testemunha do amor de Deus: “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo, para podermos viver por meio dele” (1Jo 4,8-9). Quem acredita em Jesus, o Messias encarnado, “tem o testemunho dentro de si mesmo” (cf. Jo 15,27): testemunha o amor de Deus e seu Filho na ação pastoral e missionária em vista da transformação pessoal e de toda a sociedade rumo ao Reino da fraternidade e da solidariedade.

Na recordação da fé, do amor e da missão, o autor da primeira carta de João ressalta as três virtudes fundamentais da vida cristã: a fé no Jesus da história, que há que traduzir-se em obras, o amor, que implica a partilha concreta com os irmãos, e a missão profética, que é a força nascida do amor e se projeta para a formação do Reino da fraternidade.

Historicamente, o movimento cristão enfrenta, em seu interior, vários grupos gnósticos, que ressaltam a salvação somente por meio da *gnosis* (conhecimento), negando o Jesus da história, o Messias encarnado. Na década de 50 d.C., Paulo escreve e reescreve, em várias passagens, as três virtudes da vida cristã nos desentendimentos e conflitos com seus opositores, que espiritualizavam o seguimento de Jesus:

- “Lembramos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai” (1Ts 1,3);

- “Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, essas três coisas. A maior delas é o amor” (1Cor 13,13);

- “Que o amor seja sem fingimento. De-
testem o mal e apeguem-se ao bem. Amem-
se uns aos outros com carinho de irmãos,
cada um considerando os outros como mais
dignos de estima. Sirvam ao Senhor, incan-
sáveis no zelo, fervorosos no espírito, ale-
gres na esperança, perseverantes na tribula-
ção, constantes na oração, solidários com as
necessidades dos santos, praticando a hos-
pitalidade” (Rm 12,9-13).

Pregando Jesus crucificado, o Messias encarnado, com o poder e a graça de Deus (cf. 1Cor 1,17-31), Paulo fortalece a perseverança da comunidade na fé ativa, no amor fraterno e na teimosa esperança na missão profética, como motor na caminhada, rumo à realização do projeto de Jesus crucificado e ressuscitado.

Em torno do ano 100 d.C., a comunidade de João ressalta a fé na encarnação do Filho de Deus, com toda a força da palavra: “A Palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14). Num dos momentos importantes da comunidade, o mistério da encarnação é proclamado e vivenciado:

- “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá para sempre. E o pão que eu vou dar é a minha carne, para que o mundo tenha a vida. Eu lhes garanto: se vocês não comem a carne do Filho do homem e não bebem o seu sangue, não têm a vida em vocês” (Jo 6,51.53).

Na refeição comunitária, a comunidade joanina reitera a encarnação de Jesus Cristo como o critério da fé, da ética e da missão profética: carne (encarnação e vida/prática) e sangue (cruz/morte) equivalem à totalidade da vida do Jesus da história, o Messias encarnado. Ao comer a carne (corpo, em 1Cor 11,24) e beber o sangue de Jesus Cristo, os cristãos renovam seu compromisso com a vida em



plenitude para o mundo todo: a obra da fé, o esforço do amor e a constância da missão profética.

Hoje, como ontem, há uma variedade de movimentos religiosos, dentro e fora da comunidade cristã, que ressalta a salvação somente por meio da *gnosis* (conhecimento), do exercício espiritual, ou da simples participação nos rituais e sacramentos, sem a prática coerente do amor ao próximo na vida diária e nas opções políticas mais amplas. Há também, contudo, o forte movimento cristão que caminha com a fé ativa em Jesus Cristo feito carne, com o amor fraterno, com a missão profética sem fronteiras e com a esperança teimosa para assegurar a construção do Reino da vida. Nesse movimento, algumas comunidades católicas cantam e expressam a fé ativa, o amor fraterno e a esperança teimosa de maneira singular:

- “Tomai, comei, tomai, bebei meu corpo e sangue que vos dou. O pão da vida sou eu mesmo em refeição. Pai de bondade, Deus de amor e do universo, sustentai os que se doam por um mundo irmão”;

- “Muito tempo não dura a verdade, nestas margens estreitas demais. Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais. É Jesus este pão de igualdade, viemos pra comungar com a vida sofrida do povo que quer ter voz, ter vez, lugar. Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar. Com a fé e a união, nossos passos um dia vão chegar”.

A fé ativa em Jesus de Nazaré como a encarnação do Verbo de Deus é o caminho no qual os cristãos experimentam o mais profundo que se pode conhecer de Deus e

experimentar dele. Porque aí está a vida: “Deus é amor” (1Jo 4,8)!

Uma palavra final

Reconhecer que Jesus Cristo veio na carne é assumir o projeto de Deus, que nos convida a continuar a mesma missão profética de Jesus: comprometer-se com a justiça e a solidariedade, em contraposição às realidades que negam a vida do ser humano. Um dos homens do nosso tempo que denunciaram a injustiça e carregaram a cruz junto com o povo sofrido foi dom Oscar Romero, que nos deixou sua mensagem profética:

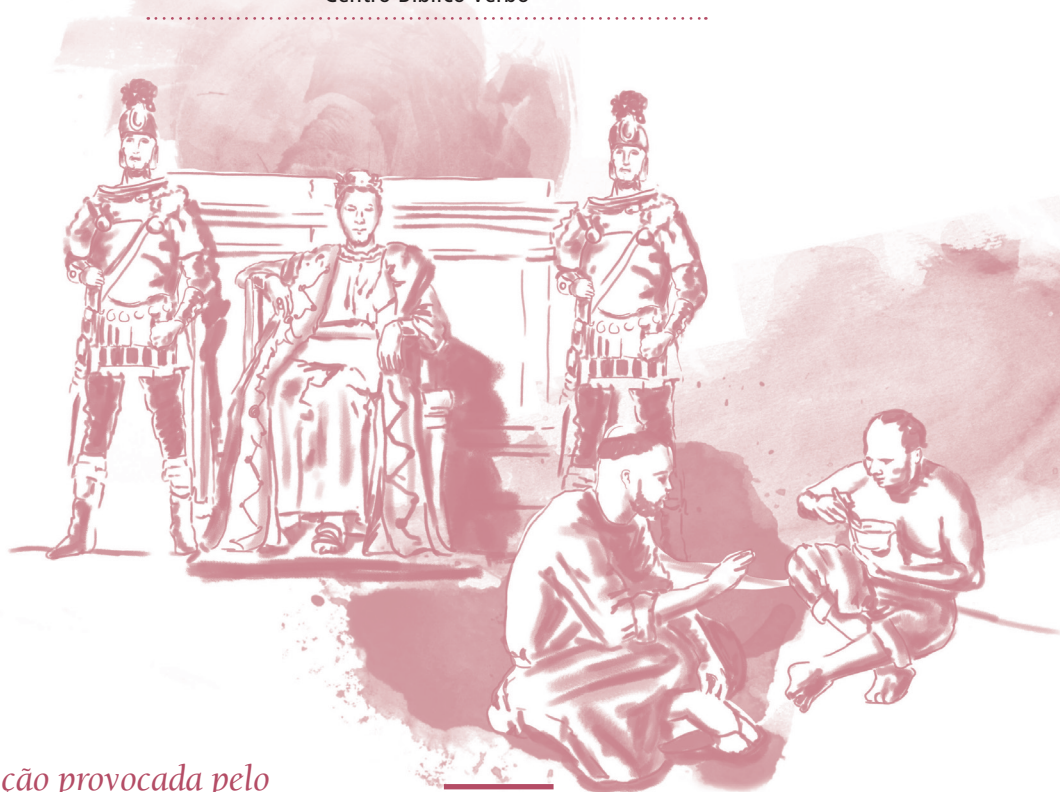
Há um critério para saber se Deus está perto de nós ou se está longe: todo aquele que se preocupa com o faminto, com o maltrapilho e o pobre, o desaparecido, o torturado, o prisioneiro, com todos esses corpos que sofrem, está perto de Deus. “Chamarás o Senhor e ele te escutará.” A religião não consiste em rezar muito. A religião consiste nessa garantia de ter meu Deus perto de mim porque faço o bem aos meus irmãos. A garantia de minha oração não está em dizer muitas palavras; a garantia de minha prece é muito fácil de conhecer: como me comporto com o pobre? Porque ali está Deus (5/2/1978).

É uma profecia que alerta, que denuncia a realidade injusta e, ao mesmo tempo, orienta nossa missão cristã. De modo especial, o “corpo” do empobrecido e injustiçado é o “critério” para seguir o Jesus da história, o Messias encarnado, e seu mandamento do amor ao próximo: “Deus enviou seu Filho único ao mundo, para podermos viver por meio dele. É nisto que está o amor” (1Jo 4,9b-10a). ●

“Todo aquele que odeia seu irmão é homicida” (1Jo 3,15)

Uma leitura da primeira carta de João 3,11-24

Centro Bíblico Verbo



A destruição provocada pelo rompimento da Barragem Mina de Feijão, em Brumadinho, no dia 25/1/2019, foi imensa. Cerca de 270 hectares foram devastados, entre mortos e desaparecidos houve 332 vítimas. No Brasil, 3,5 milhões de pessoas vivem em cidades com barragens em situação de risco.

Introdução

Diante da realidade mencionada na introdução deste artigo, como nos sentimos e nos posicionamos? Somos cristãos que confessamos: Jesus Cristo, Palavra de Deus feita carne humana, é o caminho e a manifestação do amor de Deus (cf. 1Jo 4,2). Ele assumiu o projeto da justiça e do amor até a entrega da própria vida. As pessoas cristãs são chamadas a vivenciar o amor de Deus e dar continuidade à missão do Jesus da história, rejeitando todas as realidades de injustiça que desfiguram a vida humana.



Tanto no século I como hoje, as realidades de injustiça continuam eliminando pessoas. No contexto de morte vivido na grande cidade de Éfeso, no fim do século I, o autor da primeira carta de João escreve: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida” (1Jo 3,15). É um grito em defesa da vida humana. O amor ao próximo é o primeiro e o último passo para respeitar e recuperar a vida de todos os seres humanos. Cada pessoa é digna somente pelo fato de existir, pois é uma forma única e irrepetível, é expressão do infinito amor de Deus: “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8). Lemos as mensagens da primeira carta de João e refletimos sobre elas para alimentar e fortalecer nossa humanidade na fé no Sagrado encarnado em nosso meio.

**“O amor
ao próximo
é o primeiro
e o último
passo para
respeitar e
recuperar
a vida de
todos os seres
humanos”**

1. O patronato, a associação e a comunidade cristã

A população de Éfeso era constituída por dois terços de escravos/as, que trabalhavam, por exemplo, como estivadores do porto que movimentava a economia da cidade. Eram trabalhadores braçais sem direito à cidadania que sofriam muito com a exploração, a violência e a humilhação. Sofrimento, desespero, revolta dos pobres pairavam na sociedade!

Um dos meios de o Império Romano controlar os habitantes de uma cidade cosmopolita como Éfeso era a rede (sistema) de patronato ou clientelismo, que se caracterizava pela “troca” de favores entre as pessoas e criava verdadeira teia de influência e poder. O patrono rico, ao favorecer o cliente pobre, gerava dependência e submissão, porque a pessoa pobre se sentia grata e devedora de favores ao poderoso.

Na sociedade patronal, a figura máxima era o imperador, denominado *pater patriae*. Ou seja, ele era considerado o pai e o patrono do império, distribuidor dos bens, defensor da *pax romana*, sendo até chamado de “Senhor”, *kyrios*, em grego. A imagem divinizada do senhor imperador era alimentada nas cidades conquistadas por meio de jogos, procissões, imagens, cultos, sacrifícios e dedicação de templos em sua homenagem.

Os funcionários romanos, os notáveis do local e os homens ricos e poderosos disputavam entre si a melhor forma de homenagear o imperador e sua família, em troca de “patrocínios” – benfeitorias. Os favores mais comuns eram a distribuição de cargos e honras, a assistência financeira, o direito de obter cidadania romana e até o de usar o sistema de suprimento de água.

O patronato era um fenômeno tão abrangente no mundo greco-romano que essa rede estava estabelecida na sociedade como um todo. A criação de associações, geralmente marcadas pelo patronato, por exemplo, era muito comum nos centros urbanos do Mediterrâneo, com um constante vaivém de pessoas de várias regiões. As inscrições descobertas nas grandes cidades atestam a existência de várias associações, como a dos comerciantes, a dos tintureiros de púrpura, a dos fabricantes de jugo etc.

Em geral, os homens mais destacados fundavam as associações, formadas por pessoas que se ocupavam do mesmo ofício para promover contatos sociais e proteger seus interesses particulares, incluindo distribuição de comida, organização de sepultura, atendimento a viúvas e crianças órfãs etc. Nas reuniões, os homens poderosos e ricos, que patrocinavam as associações,



eram homenageados pelos membros menos favorecidos. Os pobres preferiam ter os homens influentes como patronos para serem protegidos e beneficiados por eles. Contudo, na política e na economia, ficavam amarrados aos interesses desses patronos ricos, que se tornavam cada vez mais ricos e poderosos.

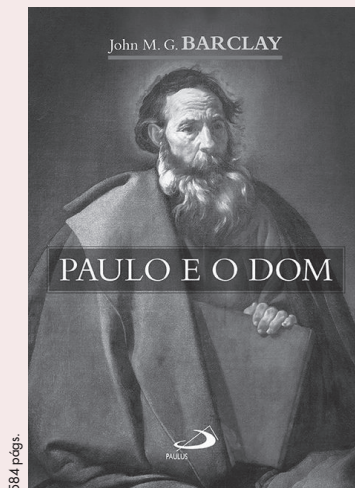
A estrutura de base de muitas associações era uma hierarquia patronal. Por exemplo, os membros dessas associações se reuniam pelo menos uma vez por mês, geralmente em ocasiões de festas, sobretudo em honra da divindade protetora. O culto às suas divindades era uma forma de alimentar o senso de proteção e de unidade do grupo. A reunião costumava ser na forma de uma refeição comunitária: o banquete patronal (*deipnon*). Normalmente, esse banquete se realizava nas casas dos patronos poderosos e obedecia a certas normas. Os convidados, por exemplo, sentavam-se de acordo com sua posição social: de um lado, os ricos, os poderosos e os influentes; de outro, os libertos, os pobres e os escravos (cf. Lc 14,7-11).

Os ricos eram recebidos no refeitório – triclinio – com tapetes e assentos confortáveis, onde se acomodavam, em média, de oito a dez pessoas. Eram os primeiros a ser servidos, recebendo os melhores alimentos. Os pobres eram acomodados no átrio, uma espécie de pátio, parcialmente coberto e menos confortável que o triclinio. A maioria das pessoas ficava em pé, encostada em alguma parede ou pilastra, e recebia comida e bebida inferiores. A estratificação social estava bem presente!

Tudo isso fazia parte da estratégia de dominação. O sistema patronal estava presente em todas as dimensões da sociedade como também nas associações, e era quase impossível viver à sua margem. A hierarquia da sociedade de patronato e clientelismo dividia os pobres, atrelava-os aos interesses de seus patronos e dificultava o surgimento de

Paulo e o dom

John M. G. Barclay



584 págs.

O título *Paulo e o dom* tem uma dupla nuance. Vai ao encontro do enquadramento de nossa discussão dentro da antropologia do dom, mas também indica que nosso foco primário será a doação divina do dom, o que, para Paulo, é realçado e realizado no dom de Cristo (o dom). O que está diante de você é uma reconsideração de “graça” dentro da antropologia e da história do dom, um estudo das interpretações de beneficência divina no período do Segundo Templo e, dentro desse contexto, uma nova avaliação da teologia de Paulo do evento Cristo como dom, como se expressa em Gálatas e Romanos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



um movimento de resistência e de protesto contra os poderosos patrocinadores. Abafava e engolia a exploração, a violência e a humilhação, o sofrimento, o desespero e a revolta dos pobres no mundo greco-romano opressor.

Todavia, uma das associações, denominada “cristã”, estava na contra-mão do patronato. Ela tentava promover a solidariedade com os pobres e não se deixar corromper pelas estruturas injustas de patronato e clientelismo. Procurava não fazer distinção entre as pessoas, diferentemente do mundo greco-romano, que praticava a injustiça, privilegiando os ricos e os detentores do poder. Daí o princípio fundamental que orientava a ação cristã: o amor ao próximo, manifestado na vida concreta de Jesus, o Messias encarnado. Tal ação era exercida sem esperar nada em troca, sem deixar quem recebia os benefícios desse amor em situação de dependência e submissão.

No seguimento de Jesus, a comunidade cristã identificava o próximo com os pobres, os oprimidos e os marginalizados do mundo do império, baseado na riqueza e no poder: “Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver” (Mt 25,35-36). Segundo os evangelhos, a opção de Deus pelos pobres foi assumida pela comunidade cristã – associação que professava a fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado.

Alguns relatos das cartas e dos documentos das comunidades sobre a ação cristã reforçam o atendimento às necessidades dos pobres: a) a partilha de alimento com os pobres nas ceias (cf. 1Cor 11,17-34); b) o acolhimento dos forasteiros sem direito al-

gum (cf. 1Pd 1,1-2); c) o atendimento a viúvas e órfãos: “A religião pura e sem mancha diante de Deus, nosso Pai, consiste em socorrer os órfãos e viúvas em seu sofrimento e não se deixar corromper pelo mundo” (Tg 1,27). O grupo social desvalido recebia especial atenção da caridade praticada pela

comunidade cristã, na contra-mão do mundo escravagista, que valorizava “o ouro e a prata” (At 3,1-10).

As mesmas cartas, entretanto, trazem informações sobre a ação de alguns membros da comunidade cristã que discriminavam, oprimiam e envergonhavam os pobres, como agem em geral os ricos e poderosos do mundo:

a) Discriminação e ostentação na ceia:

“Então, quando vocês se reúnem, o que fazem não é comer a ceia do Senhor. Porque cada um se apressa em comer sua própria ceia. E assim, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado. Vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm?” (1Cor 11,20-22a).

b) Desprezar e humilhar os pobres: “Vocês desprezam o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês e os arrastam aos tribunais? Não são eles que blasfemam contra o Nome sublime que foi invocado sobre vocês?” (Tg 2,6-7).

c) As imundícies do mundo: “Com discursos pomposos e vazios, e com a isca sensual da libertinagem, seduzem aqueles que acabaram de se afastar dos que vivem no erro. Prometem a eles liberdade, mas são escravos da corrupção, pois cada um se torna escravo daquele a quem se rende. Portanto,

“O princípio fundamental que orientava a ação cristã: o amor ao próximo, manifestado na vida concreta de Jesus, o Messias encarnado”



se pelo conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo alguém se afastou das imundícies do mundo, e novamente se deixa seduzir e se rende a elas, seu último estado torna-se pior que o primeiro” (2Pd 2,18-20).

O último relato revela o problema e o conflito vivido pela comunidade cristã no início do século II, na Ásia Menor: alguns membros, sobretudo os homens mais destacados e poderosos da comunidade, deixam de seguir o evangelho de Jesus Cristo, o Messias encarnado. Separando a fé da vida prática, eles cultivam e propagam as “imundícies do mundo”, alegando ainda que estão em comunhão com o Deus verdadeiro pelo conhecimento (*gnosis*) racional e espiritual dele.

O mesmo problema acontece com a comunidade da primeira carta de João, do fim do século I ou início do século II, na Ásia Menor: “Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?” (1Jo 3,17). Com a práxis do patronato e da associação do mundo greco-romano, os homens destacados e poderosos da comunidade, que providenciam o recinto das reuniões e a alimentação para os pobres, deixam-se seduzir pelo mundo e agem segundo a estratificação da sociedade escravagista, desprezando e humilhando os pobres.

O autor da primeira carta de João condena a prática dos poderosos, chamados de anticristos em 1Jo 2,18, retoma e propõe o princípio fundamental que orienta a ação cristã: o amor ao próximo (cf. 1Jo 3,11-24).

2. O amor ao próximo

O autor inicia 1Jo 3,11-24 – a nova seção da carta, paralela a 1Jo 2,3-11 (que traz como tema o mandamento do amor fraterno) – com o princípio fundamental da ação cristã: “Porque esta é a mensagem

que vocês ouviram desde o princípio: que nos amemos uns aos outros” (1Jo 3,11). O mandamento do amor ao próximo, vivido e transmitido por Cristo Jesus, o Messias encarnado, opõe-se à prática de patronato e de clientelismo. Esta prática usa os pobres e busca mantê-los na pobreza e na dependência, beneficiando de fato os poderosos, que agem geralmente impulsivados pela busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra do mundo do Maligno (cf. 1Jo 2,12-17).

Para sublinhar a oposição entre o amor e o ódio, a história de Caim e Abel (cf. Gn 4,1-8) é lembrada: “Não façam como Caim, que pertencia ao Maligno e assassinou seu irmão. E por que o assassinou? Porque suas obras eram más, e as do seu irmão eram justas” (1Jo 3,12). O amor fraterno e o ódio homicida! Quanto mais o amor fraterno do Messias encarnado for acolhido e vivido, mais será combatido o mundo do Maligno. Isso poderá fazer surgir o ódio e a inimizade, uma vez que a vida segundo os desejos e a ganância do Maligno é irreconciliável com a prática cristã. Daí acontece a perseguição: “E não fiquem espantados, irmãos, se o mundo odeia vocês” (1Jo 3,13).

A perseguição contra os cristãos é frequentemente relatada pela comunidade joanina: “Se o mundo odeia vocês, saibam que primeiro odiou a mim. Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que é dele. Mas porque vocês não são do mundo, pois o fato de eu os ter escolhido é que separou vocês do mundo, por isso é que o mundo os odeia” (Jo 15,18-19). Há uma oposição entre Jesus Cristo e o mundo, entre o amor fraterno e o ódio ganancioso. A sociedade escravagista do mundo greco-romano e seus promotores não podem aceitar o testemunho da comunidade seguidora de Jesus, o “servo de Deus” (cf. Is 42,1-9).



A oposição entre Jesus Cristo (amar) e o mundo (odiar) antes aparecia acompanhada da oposição “estar na luz” e “estar nas trevas”: “Deus é luz, e nele não há trevas” (1Jo 1,5); “Quem diz que está na luz, mas odeia seu irmão, está na escuridão até agora. Quem ama seu irmão permanece na luz, e nesse não há ocasião de tropeço” (1Jo 2,9-10). O autor especifica que o tempo presente, o agora, vem acompanhado da oposição entre “vida” e “morte”: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos aos irmãos. Quem não ama permanece na morte” (1Jo 3,14). O amor gera “vida”, e o ódio, a vida sem solidariedade, com ganância e egoísmo, produz “morte”!

Ao descrever a antítese entre a vida e a morte, o autor insinua a gravidade dos desentendimentos e conflitos na comunidade. E o conflito provocado pelos anticristos na comunidade se acirra a ponto de eles serem acusados de ato homicida: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida, e vocês sabem que nenhum homicida tem a vida eterna dentro de si” (1Jo 3,15). O termo “homicida”, utilizado apenas três vezes no Novo Testamento, aparece duas vezes na primeira carta de João (cf. 1Jo 3,15) e uma vez no evangelho: “O pai de vocês é o diabo, e vocês querem realizar os desejos do pai de vocês. Ele era assassino (homicida) desde o princípio e não esteve do lado da verdade, porque nele não existe verdade” (Jo 8,44a).

Em Jo 8,31-59, os opositores de Jesus, que julgam ter a verdade, querem matá-lo por sua prática libertadora, que rompe com a ordem injusta dos poderosos. Após ter acusado os anticristos de rejeitar Jesus e de viver o projeto do mundo (cf. 1Jo 2,12-28), o autor da primeira carta de João afirma que quem odeia o irmão é “homicida”, porque o

ódio está no princípio do pensamento e da ação do mundo do Maligno, que provoca preconceito, discriminação, exploração, opressão e morte.

Ao contrário, o amor ao próximo está no princípio do sentimento, do pensamento e da ação do Deus da vida e de seu Filho, Jesus Cristo, que produz a liberdade, a vida nova e a vida eterna dos irmãos: “É nisto que conhecemos o que é o amor: porque Jesus entregou sua vida por nós; portanto, também nós devemos entregar a vida pelos irmãos” (1Jo 3,16). Jesus, capaz de dar testemunho do amor ao próximo até o fim, encoraja a pessoa e a liberta do medo da morte, provocada pelo poder dos opressores.

Em outras palavras, trata-se de acreditar na força do amor de Deus diante do poder do mundo do Maligno: “A palavra de Deus permanece em vocês, e vocês estão vencendo o Maligno. Não amem o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor de Deus não está nele” (1Jo 2,14b-15); “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem: eu venci o mundo” (Jo 16,33b). A vida cristã sustenta-se na fé absoluta em Deus e na prática do seu amor!

Depois de apresentar a morte de Jesus como o amor ao próximo até o fim, o autor da primeira carta de João faz uma pergunta sobre a prática do amor e da solidariedade no cotidiano da comunidade: “Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?” (1Jo 3,17). O amor fraterno tem de se mostrar concreto mediante o testemunho cotidiano: “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e na verdade” (1Jo 3,18).

**“O conflito
provocado
pelos anticristos
na comunidade
se acirra a ponto
de eles serem
acusados de
ato homicida”**



Em seguida, o autor faz longa exortação à comunidade relativa à atitude de nosso “coração” diante de Deus:

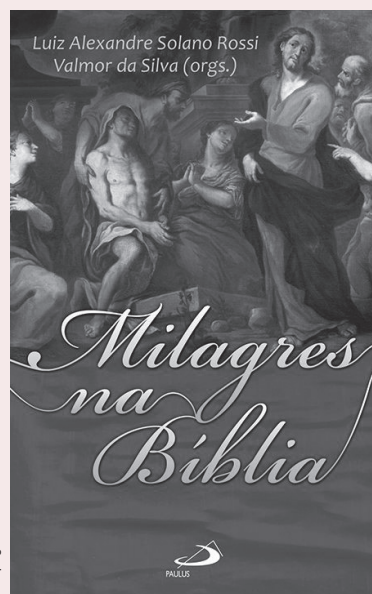
Nisso sabemos que somos da verdade e podemos tranquilizar nosso coração diante de Deus. Porque, se nosso coração nos condenar, Deus é maior que nosso coração e conhece todas as coisas. Amados, se nosso coração não nos condena, temos confiança diante de Deus, e recebemos tudo o que lhe pedimos, porque guardamos seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada (1Jo 3,19-22).

Na Bíblia, o termo “coração” refere-se ao centro de tomada de decisões – a consciência: “Quando guardei silêncio, meus ossos se consumiram, gemendo o dia todo, pois dia e noite pesava sobre mim a tua mão; minha seiva (coração) se transformou em mormaço de verão” (Sl 32,3-4); “Em Cristo, eu digo a verdade, não minto, e disso minha consciência me dá testemunho no Espírito Santo: é grande a minha tristeza e contínua a dor em meu coração” (Rm 9,1-2). Tomar a decisão (o agir do coração) implica a existência humana – a ação cristã, como já mencionado: “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e na verdade” (1Jo 3,18).

No confronto do coração diante de Deus, a comunidade cristã tem de assumir e praticar o mandamento principal de Jesus, escreve o autor: “E o seu mandamento é este: que acreditemos no nome do seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, conforme o mandamento que ele nos deu” (1Jo 3,23; cf. Jo 15,12-13). Diante da antítese entre Deus e o Maligno, luz e trevas, Jesus e mundo, amar e odiar, vida e morte, o cristão e a comunidade cristã têm de tomar a decisão para produzir a vida nova e eterna, seja prestando assistência mais imediata a quem dela precisa, seja exprimindo sua solidariedade e seu amor também por meio de opções políticas.

Milagres na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi e
Valmor da Silva (orgs.)



Este livro é um conjunto de seis artigos que refletem sobre os milagres, tal como aparecem na Bíblia e em outros textos sagrados. O objetivo é mostrar como o assunto é tratado nesses textos, o que eles procuravam revelar, quais os possíveis significados de cada milagre, qual foi a terminologia usada e as informações apresentadas em cada escrito.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Tomar decisão em favor da vida significa, sobretudo, permanecer em Deus: “Quem guarda os mandamentos dele permanece em Deus, e Deus nele. Nisso percebemos que Deus permanece em nós: pelo Espírito que ele nos deu” (1Jo 3,24). O termo “permanecer” também faz parte do vocabulário típico da literatura joanina e já apareceu diversas vezes no Evangelho de João: “Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês” (Jo 15,4a); “Da forma que meu Pai me amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor” (Jo 15,9).

Em Jo 15, o termo “permanecer” aparece 11 vezes, o que deixa transparecer a gravidade da crise da comunidade, causada pela perseguição dos poderosos do mundo e traduzida na grande desistência dos seus membros. Uma década mais tarde, a comunidade da primeira carta de João sofre com a crise provocada pelos anticristos: desintegração, conflito, desprezo, humilhação e opressão contra os pobres. É preciso caminhar com Jesus Cristo encarnado, observando o mandamento do amor e criando uma rede de solidariedade concreta na sociedade marcada pelo Maligno. É o dever cristão!

Na caminhada cristã, o autor reafirma a presença do Espírito: “Deus permanece em nós: pelo Espírito que ele nos deu” (1Jo 3,24b). O dom do Espírito mantém sempre viva a memória de Jesus, ensina e renova seu ensinamento de ontem e de hoje. Queira Deus que os cristãos, ungidos pelo Espírito, saibam discernir e encarnar Jesus Cristo em suas práticas concretas em favor dos irmãos.

3. O retrato da comunidade da primeira carta de João

A primeira carta de João termina com um resumo conclusivo:

**“Sabemos
que o Filho
de Deus veio
e nos
tem dado
entendimento
para
conhecermos
o Deus
verdadeiro”**

Nós sabemos que somos de Deus, mas o mundo inteiro está sob o poder do Maligno. Sabemos que o Filho de Deus veio e nos tem dado entendimento para conhecermos o Deus verdadeiro. E nós estamos no Verdadeiro, no Filho dele, Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a vida eterna. Filhinhos, fiquem longe dos ídolos! (1Jo 5,19-21).

Jesus Cristo é o Deus verdadeiro! Eis a declaração de uma comunidade cristã que passa por grave crise interna e externa. Em seu interior, ela enfrenta o grupo de dissidentes – anticristos e falsos profetas (cf. 1Jo 4,1-3) – que nega o Jesus da história como o Filho de Deus (cf. 1Jo 2,22; 4,15), não pratica os mandamentos – o amor ao próximo (cf. 1Jo 2,3-11) – e seduz os fiéis para o mundo do Maligno (cf. 1Jo 4,5). Exteriormente, a comunidade sofre com a perseguição do mundo do Império Romano e, ao mesmo tempo, sente a forte sedução do mundo dos maus desejos e do dinheiro, simbolizados pelos “ídolos” (cf. 1Jo 2,15-16). Há desentendimentos e conflitos na comunidade.

O autor da primeira carta de João quer fortalecer a fé e o ensinamento tradicional dos cristãos (cf. 1Jo 1,3-4; 2,7), para não serem seduzidos pelos anticristos e falsos profetas. Para tanto, insiste no ensinamento e no projeto da comunidade, expressos pelos seguintes termos, que retratam a realidade comunitária, no resumo conclusivo da carta: o Verdadeiro, Jesus Cristo, os ídolos, os filhos de Deus e a vida eterna.

a) O Verdadeiro. Deus é o único verdadeiro, conhecido pelo que ele é: vida e amor. Desde o princípio, Deus é fonte da



vida (cf. 1Jo 1,1). Ele, que é amor (cf. 1Jo 4,8), cria todo o universo para que todas as coisas tenham vida real, sólida e durável (cf. Gn 1,1-2,4a; Sb 1,13-14). Por isso, só no amor todos os seres vivos permanecem em comunhão com Ele: “Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). O amor de Deus e o amor ao próximo, assim, estão interligados: o amor de Deus se concretiza no amor ao próximo, para que todas as pessoas tenham a vida em plenitude (cf. Jo 10,10).

b) Jesus Cristo. “Nisto se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo, para podermos viver por meio dele. É nisso que está o amor: não é que nós tenhamos amado a Deus, mas foi ele que nos amou e enviou seu Filho para expiação de nossos pecados” (1Jo 4,9-10). O amor de Deus se revela e se concretiza na vida de Jesus feito carne (cf. 1Jo 4,2), no qual a manifestação do Deus amor se torna histórica, palpável e testemunhada (cf. 1Jo 1,1-4). Em sua vida, Jesus é verdadeiro ser humano que sofre e morre na cruz, por amor ao próximo, até o fim. A salvação de Deus, assim, realiza-se na carne e no sangue do Jesus da história, o Filho de Deus, o amor encarnado: “Se vocês não comem a carne do Filho do homem e não bebem o seu sangue, não têm a vida em vocês” (Jo 6,53).

c) Os filhos de Deus. “É assim que se manifesta quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do diabo: todo aquele que não pratica a justiça, quem não ama seu irmão, não é de Deus” (1Jo 3,10). Os cristãos são chamados de “filhos de Deus”, pois praticam a obra do Deus do amor e da justiça, seguindo os passos de Jesus Cristo, que nos revela Deus como amor e testemunha que o amor é o caminho, a verdade e a vida.

A obra do amor e da justiça dos cristãos se manifesta sobretudo na vida comunitária. Na primeira carta de João, não são mencionados termos como hierarquia, organização, autoridade, relação de senhor e de súdito, porém observam-se alusões à comunhão com Deus e à unidade da comunidade: “Deus é luz, e nele não há trevas. Se dizemos que estamos em comunhão com Deus, e no entanto andamos nas trevas, somos mentirosos e não praticamos a verdade. Mas, se caminhamos na luz, como Deus está na luz, então estamos em comunhão uns com os outros” (1Jo 1,5-7a).

d) Os ídolos. “Filhinhos, fiquem longe dos ídolos!” (1Jo 5,21). Para o livro do Apocalipse, escrito na mesma época e região de 1Jo, o termo “ídolo” (*eídolon*, em grego) é, antes de tudo, o mundo do Império Romano, com seus deuses e seduções: “Não deixaram de adorar os demônios, os ídolos de ouro, de prata, de bronze, de pedra e de madeira, não podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram de seus homicídios, feitiçarias, prostituições e roubos” (Ap 9,20b-21). Na primeira carta de João, há alertas para resistir ao mundo: “Não amem o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2,15); “E não fiquem espantados, irmãos, se o mundo odeia vocês” (1Jo 3,13); “Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5,4). A fé ativa no Deus que é amor e age por amor, no Deus da vida e no amor de Jesus Cristo leva os cristãos a viver na comunhão com o próximo, assegurando a construção do Reino da vida, oposto ao mundo do Império Romano, o mundo do Maligno (cf. 1Jo 2,14).

e) A vida eterna. “E o testemunho é este: Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a



vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Escrevo essas coisas para vocês saberem que têm a vida eterna, vocês que acreditam no nome do Filho de Deus” (1Jo 5,11-13). A expressão “a vida eterna” aparece cinco vezes nesta carta (15 vezes no Evangelho de João) e significa a vida de Jesus Cristo, sobretudo a vida eterna do Ressuscitado, que continua presente no meio dos cristãos. O termo “eterno” significa a continuidade da ação de Jesus Cristo ressuscitado, que move e anima os cristãos a viver na fraternidade e na plenitude: “Eu sou a ressurreição. Quem acredita em mim, ainda que morra, viverá. E todo aquele que vive e acredita em mim não morrerá para sempre. Você acredita nisso?” (Jo 11,25-26). Ou seja: “E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim. E a vida que vivo agora na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20), diz Paulo.

O Verdadeiro, Jesus Cristo, os ídolos, os filhos de Deus e a vida eterna são termos que traçam o retrato da comunidade que acredita em Jesus feito carne como o Filho do Verdadeiro. Comunidade que pratica o mandamento do amor ao próximo não somente no dia a dia, mas também para além do assistencialismo, nas opções políticas mais amplas, na luta por um mundo sem injustiça e violência. Sem ter medo de perder a vida na perseguição do Império Romano, a comunidade da primeira carta de João pratica o evangelho do Jesus da história, amando o próximo e partilhando os bens deste mundo, e assim se torna, historicamente, uma luz da vida eterna do Sagrado no meio dos pobres sofrendores.

Uma palavra final

A história se repete. O mundo do Império Romano dos tempos atuais continua a provocar muitos males, cometendo di-

versos atentados contra a vida humana, a natureza e a Terra:

- a pobreza cresce e atinge 55 milhões de pessoas no Brasil;
- conforme estimativas da ONU e da Secretaria de Direitos Humanos (SDH), uma mulher a cada 15 segundos, um idoso a cada 10 minutos e 18 mil crianças por dia são vítimas de algum tipo de violência no país;
- até o mês de fevereiro, foram registrados 126 casos de feminicídio neste ano, que resultaram em 70 mortes, e esse número aumenta a cada dia. O Brasil responde pela quinta maior taxa de feminicídio no mundo;
- a morte absurda de dez meninos num centro de treinamento de futebol;
- tragédia em Brumadinho: número de mortos e desaparecidos em torno de 330 pessoas.

Após três anos do rompimento da barragem de Mariana, a história se repete em Brumadinho. A causa é a mesma: descaso com a segurança em benefício do lucro. Num desrespeito total com a vida humana, triunfa a lógica do lucro! O mundo, marcado pela busca ilimitada de bens, poder, prazer e honra, explora as pessoas, mata por qualquer motivo e não respeita o direito humano de viver em paz e fraternidade.

É preciso fomentar o amor, o respeito e o perdão na esfera social com a fé no Deus amor. É urgente recuperar a humanidade de todos os seres humanos para defender a vida, praticando a solidariedade e o amor, sobretudo com aquelas pessoas injustiçadas, exploradas e excluídas dos direitos de uma existência com dignidade: “Todo aquele que não pratica a justiça, quem não ama seu irmão, não é de Deus” (1Jo 3,10). ●

A misericórdia no documento conclusivo de Medellín (1968)

Matheus da Silva Bernardes*

O objetivo deste artigo é apresentar a categoria teológica “misericórdia” nas conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968). Também se estabelece uma relação entre Medellín e o pontificado do papa Francisco.



Introdução

É inegável a influência da tradição eclesial latino-americana no pontificado do papa Francisco: sua ênfase em uma *Igreja para pobres*, sobretudo em uma *Igreja pobre*, mostra que ele se inspira na vida teológica e pastoral da América Latina. Ao mencionar

essa tradição, é preciso reconhecer a importância da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968), poucos anos após a clausura do Concílio Vaticano II. Medellín significou grande esforço de traduzir a novidade do Concílio para a realidade do subcontinente.

*Matheus da Silva Bernardes, presbítero da Arquidiocese de Campinas, é atualmente administrador da Paróquia Nossa Senhora Aparecida dos Campos Verdes, em Hortolândia, SP. Graduado em Teologia pela PUC do Chile, em Santiago. Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Especialista em Teologia Pastoral e doutorando em Teologia Sistemática pela Faje, em Belo Horizonte. E-mail: pe.matheusbernardes@gmail.com



Ao olhar para a realidade que os circundava e buscar no evangelho respostas para os desafios dessa realidade, os bispos se encontraram com uma região que passava por profundas mudanças, mas ainda era marcada pelo flagelo da desigualdade social: o modelo colonial não tinha sido superado, e a grande maioria da população se via subjugada por aqueles que detinham o poder político, econômico e cultural.

O clamor por justiça se tornou o clamor da Igreja, que viu na desigualdade social e no desrespeito à dignidade humana antissinais do Reino. Medellín constatou que tinha chegado a *hora da ação* da Igreja (cf. Introdução, n. 3) – portanto, hora de se comprometer com a justiça.

**“Medellín
significou
grande esforço
de traduzir
a novidade
do Concílio
para a
realidade do
subcontinente”**

1. O texto conclusivo de Medellín (1968)

A estrutura temática do documento conclusivo da Conferência de Medellín possui três partes: uma dedicada à promoção humana dos povos latino-americanos, outra que insiste na urgência de adaptar a evangelização às novas circunstâncias do subcontinente e, finalmente, uma parte que versa sobre a Igreja e suas estruturas visíveis (cf. Introdução, n. 8).

Vale destacar que *libertação* é uma categoria teológica que perpassa todo o documento e está referida tanto à salvação escatológica como à superação de estruturas injustas que não permitem o pleno desenvolvimento humano neste mundo (cf. Introdução, n. 6).

1.1. Promoção humana

A promoção humana dos povos latino-americanos acontecerá mediante os valores da justiça, paz, educação e família. Após a dramática constatação de que a grande

maioria dos povos latino-americanos vive em uma situação de miséria e pobreza extrema, sentiu-se a urgência de encontrar caminhos para a superação dessa realidade. Isso acontecerá somente quando a *fome e sede de justiça* dos povos forem saciadas, e, para tanto, é fundamental a eliminação de estruturas que promovem a falta de integração sociocultural dessa maioria pobre, assim como a superação de estruturas injustas (cf. Justiça, n. 3).

Em vista desse objetivo, é fundamental a libertação integral do ser humano, isto é, a libertação de toda forma de opressão histórica. Cristo liberta o ser humano, tornando-o “criatura nova” (2Cor 5,17), mas também o impulsiona à superação do pecado histórico, que impede a promoção humana. A libertação do pecado histórico exige a conversão ao Reino, o que será, para o ser humano, fundamento de verdade e sinal de liberdade (cf. Justiça, n. 4).

O amor a Cristo se transforma em amor ao próximo e, portanto, em força de libertação da injustiça social e de promoção da vida (cf. Justiça, n. 5). Desperta-se, assim, a solidariedade entre todos os homens e mulheres, o que permite o processo de personalização e integração social. Todos os cristãos – ministros ordenados, religiosos, religiosas, leigos e leigas – são convocados a trabalhar nesse sentido e comprometer-se com a formação de uma sociedade justa.

Essa convocação também tem como meta a superação de todas as situações de pecado que promovem a tensão e a falta de paz entre as classes sociais no subcontinente (cf. Paz, nn. 2-3). A violência à qual estão expostos muitos homens e mulheres na América Latina, especialmente os mais pobres, é fruto da injustiça.



Isso também é tarefa das famílias, especialmente dos pais, os primeiros educadores e evangelizadores dos filhos. Não basta transmitir os “valores tradicionais” do evangelho às novas gerações; é mister que elas também compreendam que o evangelho traz consigo um compromisso real com os acontecimentos históricos. Deve-se, portanto, insistir que a verdadeira piedade para com Deus é também compromisso histórico (cf. Família e Demografia, n. 6).

Por último, a primeira parte temática do documento insiste na necessidade de uma educação verdadeiramente libertadora, isto é, que promova a formação de sujeitos responsáveis pelo próprio desenvolvimento. Assim, é estimulada a educação integral, que permite ao ser humano superar servidões injustas, mas, ao mesmo tempo, se converte em antecipação da redenção plena de Cristo. Destinatários dessa educação integral e integradora são, sobretudo, os mais pobres (cf. Educação, n. 9).

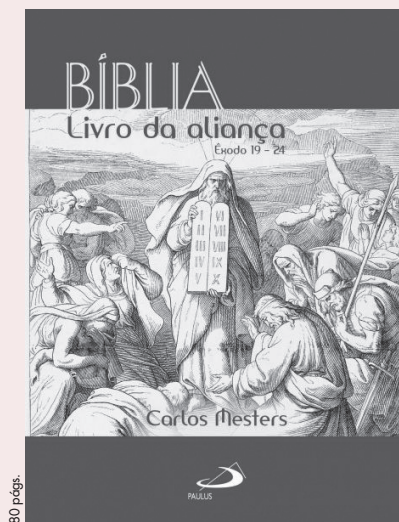
1.2. Renovação da evangelização

A Conferência Geral de Medellín chegou à constatação de que a América Latina é uma região que passa por rápidas mudanças sociais, o que exige da Igreja uma atualização de seus métodos evangelizadores. Sem perder a originalidade própria do evangelho de Jesus Cristo, a Igreja se vê interpelada a procurar novos meios que expressem a riqueza dessa Boa-Nova. Especial atenção nesse processo têm os jovens, não só como destinatários da atividade eclesial, mas como seus protagonistas (cf. Juventude, n. 12).

Por um lado, os bispos se encontraram com o grande desafio de respeitar e, ao mesmo tempo, evangelizar a pastoral das massas. Devido à situação colonial, sob a qual os países latino-americanos viveram por séculos, foi criada uma espiritualidade muito associada a devoções, mas pouco comprometida com o acontecer histórico. Embora

Bíblia: Livro da Aliança

Carlos Mesters



O Livro da Aliança ocupa os capítulos 19 a 24 do livro do Êxodo. Plantada no chão da vida daquele grupo que saiu do Egito, a semente da Aliança foi lançando raízes profundas, produzindo tronco e galhos, folhas e frutos. Junto do povo, ao longo da caminhada, nasceu e cresceu a Bíblia, que até hoje ilumina e alimenta o povo no seu compromisso e dele cobra as exigências da Aliança.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



não se possa negar essa espiritualidade (cf. Pastoral das Massas, n. 2), pois traz consigo balbucios de uma experiência autêntica, que expressa o verdadeiro temor a Deus (cf. Pastoral das Massas, n. 5), evangelizá-la mostra-se uma tarefa urgente.

Por outro lado, a renovação da evangelização não implica somente olhar para as massas e classes mais pobres da sociedade latino-americana; é necessário também empenho na pastoral das elites, anunciando o abandono de uma religiosidade que mantém o *status quo* e a conversão a uma espiritualidade que procura a fraternidade e a solidariedade com os mais necessitados. A Igreja se apresenta como espaço aberto para esse processo de conversão. Não se trata simplesmente de promover uma convivência pacífica entre as classes, mas sim verdadeira conversão à justiça e à promoção humana (cf. Pastoral das Elites, n. 13).

Medellín também deu atenção à renovação da catequese e da liturgia, seguindo o impulso dado pelo Vaticano II. Em primeiro lugar, a renovação da catequese tem de partir de um pressuposto básico: a unidade do plano salvífico de Deus. Isso significa que a salvação não se realizará somente como dom escatológico do Reino, mas na medida em que homens e mulheres se empenham na promoção dos valores humanos e na superação da injustiça (cf. Catequese, n. 4). Da mesma forma, a liturgia deve passar por um processo de renovação, sobretudo unindo a vida cotidiana dos fiéis à sua vivência de fé. A liturgia, especialmente a celebração da Eucaristia, é o espaço de comunhão entre os fiéis com o Deus da vida e com os irmãos e irmãs; converte-se, portanto, em compromisso com o surgimento de uma sociedade mais justa e fraterna (cf. Liturgia, n. 7).

1.3. A Igreja pobre

Na parte dedicada a temas diretamente relacionados às estruturas visíveis da Igreja, como os movimentos leigos, os sacerdotes, os religiosos, a formação do clero, a colegialidade e o uso dos meios de comunicação, os bispos se dedicaram a ampla reflexão sobre a pobreza da Igreja.

Novamente motivados pela prática eclesial, assumiram que a Igreja na América Latina não pode conviver com um *status quo* que traduz, em suas próprias estruturas, a injustiça social vivida na sociedade. É necessário que a pobreza, entendida como compromisso, seja abraçada voluntariamente e convertida em sinal da presença do Reino de Deus no meio deste mundo (cf. Pobreza da Igreja, n.

4). A pobreza da Igreja como compromisso reflete a pobreza de Jesus Cristo, que “se fez pobre, embora fosse rico” (2Cor 8,9).

De fato, Jesus é o fundamento da pobreza da Igreja: não só amou os pobres, mas assumiu sua condição para libertá-los do jugo de todo pecado histórico e injustiça (cf. Fl 2,7); veio anunciar a Boa-Nova aos pobres (cf. Lc 4,18), aos fracos e aos pequenos (cf. Mt 11,25). O compromisso real com a pobreza permite à Igreja ser solidária com os mais pobres, fazer do clamor deles seu próprio clamor, sobretudo no sentido de exigir que a justiça seja feita, e dar credibilidade ao seu testemunho no meio do mundo. Esse compromisso se traduz na opção por viver junto aos pobres, recusar o uso de títulos honoríficos e assumir um estilo de vida não movido pelas ambições terrenas, mas sempre disposto a servir.

A solidariedade com os mais pobres é exigência da caridade. Assim a Igreja, que prolonga a obra libertadora de Cristo na história, “apresentará ao mundo um sinal

**“É necessário
que a pobreza,
entendida como
compromisso,
seja abraçada
voluntariamente e
convertida em sinal
da presença
do Reino de Deus”**



claro e inequívoco da pobreza do Senhor” (cf. Pobreza da Igreja, n. 18).

2. Medellín e a misericórdia

O texto conclusivo da II Conferência Geral de Medellín não menciona, nem sequer uma única vez, a palavra *misericórdia*. O mesmo acontece com os termos afins *bondade* e *benevolência*. Contudo, é possível verificar a presença dessa categoria teológica no texto e estabelecer uma conexão com alguns textos do papa Francisco, especialmente *Evangelii Gaudium* e *Misericordiae Vultus*.

A motivação do pontificado do papa Francisco e a de Medellín são as mesmas: a prática eclesial (cf. EG 24). Não obstante, quando o papa Francisco fala de misericórdia, não está pretendendo fazer uma reflexão doutrinal sobre ela; parte do princípio fundamental de que a misericórdia é o núcleo do *ethos* da Igreja, por ser o núcleo do *ethos* do próprio Deus; é a arquitrave que sustenta toda a vida da Igreja (cf. MV 10). A Igreja é chamada a ser misericordiosa especialmente em um mundo que sofre com o flagelo da miséria e a dor da injustiça (cf. MV 10).

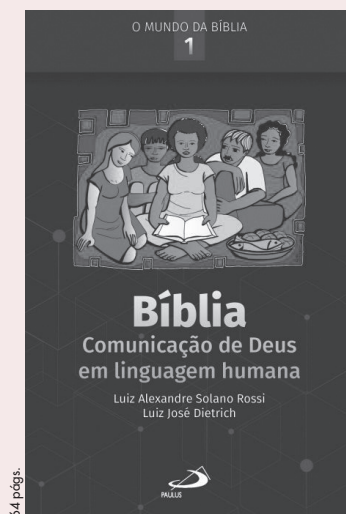
Essa constatação aproxima ainda mais o papa Francisco de Medellín: ao olhar para a realidade que os circundava, os bispos da América Latina afirmaram em 1968 que era hora da ação; ao olhar sua realidade e ao se deixar iluminar pela boa-nova do evangelho do Reino, o papa Francisco, com insistência, também tem convidado a Igreja a agir, e agir misericordiosamente (EG 24).

2.1. Misericórdia e promoção humana

O texto conclusivo de Medellín insiste fortemente na promoção humana, chegando até a afirmar que a libertação histórica dos mais pobres não é contrária à salvação escatológica de toda a humanidade; ou seja, mediante a superação de toda forma de injustiça social, a salvação escatológica já se faz presente na história.

Bíblia: comunicação de Deus em linguagem humana

Luiz Alexandre Solano Rossi e
Luiz José Dietrich



O livro revela a importância de nos aproximarmos da Bíblia de forma mais consciente, adotando um método de leitura e um critério de interpretação que levem em conta a época em que os textos sagrados foram escritos, as circunstâncias históricas e sociais, a linguagem e os autores, as funções de cada livro e seus gêneros literários. O objetivo é levar o leitor a descobrir a verdadeira Palavra de Deus, que veicula amor, compreensão e igualdade, tornando as pessoas e comunidades melhores e mais humanas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O rosto da misericórdia do Pai, revelada à humanidade em Jesus Cristo (cf. MV 1), não mira outra coisa senão a restauração da humanidade perdida pelo pecado e desfigurada pelas faltas históricas (cf. MV 19). A misericórdia divina não é mero sentimento religioso, mas “realidade concreta, pela qual Deus revela o seu amor como de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até o mais íntimo das suas vísceras” (MV 6).

A misericórdia não se opõe ao clamor de justiça dos mais pobres. Tanto misericórdia como justiça se desenvolvem gradualmente, até chegar à totalidade do amor (cf. MV 20). A justiça de Deus, em Jesus Cristo (cf. Fl 2,16), converteu-se em libertação para quantos são oprimidos pelo pecado e suas consequências; a justiça de Deus se converteu em perdão e misericórdia (cf. MV 20).

No caso da América Latina, a exigência que a Igreja assume de clamar por justiça não se baseia somente em um imperativo social, mas verdadeiramente em uma “comoção visceral” da própria Igreja diante de seus filhos e filhas que sofrem sob o peso do pecado histórico de injustiça e exclusão. A promoção humana revela-se uma ação cheia de bondade e misericórdia, ou, como o documento repete inúmeras vezes, cheia de solidariedade para com os mais pobres.

2.2. Misericórdia e renovação da evangelização

Não só na Conferência de Medellín, mas também nas que a seguiram (cf. Puebla, n. 188; Aparecida, nn. 28-29) e na tradição eclesial latino-americana, nota-se claramente uma acentuação cristológica que dirige toda a atividade da Igreja. Esta, cha-

mada a dar continuidade à obra redentora ao longo da história, somente poderá fazê-lo com os olhos fixos em Jesus.

Contemplando o rosto misericordioso do Pai no rosto de Jesus de Nazaré, é possível concretizar o amor da Santíssima Trindade para com a humanidade pecadora; amor

capaz de converter e transformar toda a existência (cf. MV 8). Toda renovação da evangelização começa por aqui. A contemplação do rosto da misericórdia não é só conteúdo novo da evangelização, mas também método.

O empenho dos bispos reunidos em Medellín para transformar os jovens em protagonistas da vida eclesial, a necessidade da evangelização dos movimentos de massa e de elite, assim como o esforço de continuar com a renovação da liturgia e da catequese orientada pelo Concílio Vaticano II, também expressam uma obra de misericórdia.

Não se trata apenas de um trabalho de organização intraeclesial e renovação de estruturas pastorais, mas de um processo de reconhecimento do rol próprio dos filhos e filhas de Deus para a realização da missão da Igreja (cf. EG 112). Não se trata de olhar para tantos membros da Igreja somente como destinatários de sua ação pastoral, e sim de ver em seu rosto sujeitos livres e responsáveis pela ação eclesial, o que é possível só quando existir verdadeira bondade e misericórdia nas diversas organizações da Igreja.

2.3. Misericórdia e a Igreja pobre

A grande motivação da Igreja para viver a pobreza como compromisso não é outra senão a misericórdia do próprio Deus, que não foi indiferente à pobreza do ser humano, mas permitiu a todos se enriquecerem

“A Igreja, ao abraçar a pobreza não só por amor, mas se fazendo pobre com os mais pobres, também expressa amor e clemência para com eles e conquista credibilidade aos olhos do mundo”



com a pobreza de Jesus (cf. 2Cor 8,9). As entranhas de misericórdia do Pai revelam um Deus não impassível, mas cheio de amor e clemência para com os seus.

Nesse sentido, a Igreja, ao abraçar a pobreza não só por amor, mas se fazendo pobre com os mais pobres, também expressa amor e clemência para com eles e conquista credibilidade aos olhos do mundo (cf. MV 12). A credibilidade da Igreja no meio do mundo não se realiza por suas ambições mundanas, mas pela sua opção pelos pobres e por sua vida.

Em não poucas ocasiões, a consciência da sociedade se encontra adormecida diante do drama da pobreza e da miséria (cf. MV 15). A Igreja, em sua opção fundamental pelo pobre e pela pobreza, quer despertar essa consciência adormecida e clamar para que seus filhos e filhas não sofram pela falta de bens materiais mínimos e também para que as elites não se tranquilizem diante de um projeto equivocado de pobreza espiritual.

A pobreza como compromisso é uma ação concreta de misericórdia para com os mais pobres e, também, para com todo o mundo. O escândalo da pobreza extrema revela a profundidade do pecado histórico da injustiça; a pobreza vivida como compromisso histórico revela um Deus bondoso e compassivo, cujo Filho encarnado também viveu entre os mais pobres dos pobres.

Conclusão

O que se buscava em Medellín era responder, mesmo com limitações, aos desafios presentes no subcontinente mediante uma prática eclesial renovada. O foco era a ação da Igreja, seu serviço aos povos latino-americanos. Medellín foi a continuação do próprio Concílio na América Latina, traduzindo seus principais impulsos em uma realidade concreta marcada pelo subdesenvolvimento e em rápida transformação.

A ressurreição do Filho de Deus

N. T. Wright



Neste volume, N. T. Wright vira a mesa da erudição bíblica contemporânea ao demonstrar que os autores do Novo Testamento acreditavam em uma ressurreição corporal literal de Jesus Cristo, e não numa ressurreição meramente “espiritual” inventada posteriormente, e que sua crença é a melhor explicação da evidência disponível, em prejuízo dos dogmas naturalistas da divisão moderna. Combinando sua vasta erudição bíblica e clássica com uma metodologia rigorosa e filosoficamente consciente, Wright enraíza o julgamento sobre a realidade da ressurreição no chão do juízo histórico, sem com isso negar o seu significado religioso e teológico.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Desde Medellín, a Igreja latino-americana vivencia a necessidade de partir sempre da prática e, assim, iluminar sua reflexão teológico-pastoral. Por ter bebido dessa tradição eclesial continental, o papa Francisco tem a prática eclesial como foco principal de sua reflexão. Não se trata de refletir primeiro para depois traduzir a reflexão em prática, mas justamente o contrário: a prática é o ponto de partida da reflexão. Medellín consagrou a expressão “práxis libertadora” (Introdução, n. 6), enquanto o papa Francisco insiste na “práxis misericordiosa” (EG 193): ambas possuem sua origem no próprio Deus libertador e misericordioso, que não hesita em se abaixar para salvar seu povo de seus pecados e de toda injustiça (cf. Fl 2,7).

A modo de conclusão, cabe aprofundar-se em mais uma concordância entre Medellín e o magistério do papa Francisco: a reconciliação (cf. Paz, n. 14; EG 229-230). A América Latina da segunda metade do século passado se encontrava em uma situação histórica delicada: a maioria de sua população sofria com o subdesenvolvimento, chegando até a não ter o mínimo para a sobrevivência; uma pequena elite detinha o poder político, econômico e cultural, além de estar mergulhada no jogo de interesses econômicos mundiais relacionados à extração de matérias-primas para alimentar o parque industrial do mundo desenvolvido. Infelizmente, 50 anos se passaram e a situação não mudou muito. É possível identificar alguns

processos que focam a melhoria de vida da população, mas a maioria ainda continua pobre e não são poucos os casos daqueles que não possuem acesso ao básico para sobreviver.

A Igreja, em sua missão profética e materna, quer estar junto com os que mais sofrem: a pobreza como compromisso é profecia, mas também cuidado materno com os mais fracos. Além do mais, seja por seu ímpeto de vencer toda injustiça, seja por sua missão universal, que não lhe permite fazer distinção de pessoas, a Igreja quer promover em seu seio a reconciliação dos povos (cf. Ef 2,14-16).

No caso concreto da América Latina, a Igreja está diante da árdua tarefa de reconciliar os mais abastados com os mais pobres, fazendo que aqueles sejam mais sensíveis e solidários com as necessidades destes; também são suas preocupações a reconciliação dos mais pobres com os mais abastados, suscitando naqueles a autêntica reivindicação de serem os protagonistas do próprio desenvolvimento, e a superação de todo tipo de violência.

Reconciliação é tarefa árdua, porém urgente. Tarefa que não perdeu sua vigência, como o documento conclusivo de Medellín, e está na vanguarda da vida das comunidades eclesiais, como o pontificado do papa Francisco. A reconciliação é o resultado da união do empenho pela justiça com o movimento rumo ao mais fraco, próprio da justiça e da misericórdia, próprio do amor. ●

Referências bibliográficas

- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- _____. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília, DF: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: a alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.
- _____. *Misericordiae Vultus*: o rosto da misericórdia. São Paulo: Paulus, 2015.

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Publicou diversos livros, a maioria pela PAULUS, entre os quais: *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó*; *Como ler o livro de Jeremias*; *Como ler o livro de Abdias*; *Como ler o livro de Joel*; *Como ler o livro de Zacarias*; *Como ler o livro das Lamentações*; *A arte de viver e ser feliz*; *Deus se revela em gestos de solidariedade*; *A origem do sofrimento do pobre*.

E-mail: luizalexandrrossi@yahoo.com.br



Luiz Alexandre Solano Rossi*

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM
1º de setembro

A mesa partilhada é bênção para todos

I. Introdução geral

Os evangelhos nos mostram que, enquanto Jesus caminhava, olhos atentos repousavam sobre ele. Suas palavras e gestos eram acompanhados de muito perto. Eram palavras e gestos carregados de sentido e de poder transformador. Mas eram, também, palavras e gestos que causavam desconforto no modo de viver de muitas pessoas. Palavras que chegavam, de forma muito cristalina, à mente e coração daqueles que o seguiam. Não havia nada de conceitos esotéricos, difíceis e acessíveis somente a poucos escolhidos. A vida de Jesus e suas palavras abriam-se para o mundo a fim de transformá-lo. Não se tratava de Jesus construir uma seita de iniciados. Tratava-se, isso sim, de mostrar a todas as pessoas que a mesa da partilha estava posta para todos os que quisessem dela participar. Na mesa de Jesus não há espaço para exclusão. Na partilha há alimento para todos, porque a solidariedade e a fraternidade repousam sobre todos.



II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Eclo 3,19-21.30-31): a partilha como projeto de vida

A primeira leitura traz uma advertência contra o orgulho de ontem e de hoje. Na época do texto, provavelmente a advertência se relacionasse com a forte pressão sofrida pela sabedoria judaica diante da supremacia do saber especulativo e racionalista grego. O que fazer diante de uma cultura que se apresentava com força avassaladora e punha a identidade do povo em risco? O livro do Eclesiástico responde à pergunta, fundamentando sua reflexão no pressuposto da revelação divina. A sabedoria judaica trabalhava com uma lógica bastante distinta que, por certo, causava estranheza a muitos: a seu ver, quem repartia era justamente aquele que mais acumulava para o futuro. Sem dúvida se trata de uma lógica às avessas. Em geral, afirmamos exatamente o contrário, ou seja, que a melhor maneira de garantir o futuro é guardar no presente, sem qualquer possibilidade de partilha ou de divisão. É de bom tom também recordar que, muito tempo depois, na Igreja primitiva, as mesmas advertências eram lembradas contra a tendência gnóstica, que postulava a salvação por meio de fontes secretas de conhecimento não disponíveis a todas as pessoas, mas somente a alguns privilegiados que haviam sido iniciados no gnosticismo.

2. II leitura (Hb 12,18-19.22-24a): o firme fundamento se encontra em Jesus

Existe um firme fundamento superior a todos os outros. Para o autor da carta aos Hebreus, já não cabem os sentimentos de medo e terror característicos do Sinai. No interior das relações comunitárias estão presentes outros sentimentos, justamente porque os fundamentos da comunidade foram mudados. A nova aproximação acontece de

acordo com uma quádrupla realidade, assim disposta: Deus, os anjos, os mártires e Jesus. A certeza de alicerces bem fundamentados permite passar pelas tempestades e sobreviver. Várias evidências mostram que as comunidades passavam por momentos difíceis. Por isso, o testemunho que são chamadas a dar ocorre em meio a perseguições e sofrimento, podendo chegar ao martírio. É possivelmente essa perspectiva de conflitos que amedronta as comunidades, levando-as à letargia ou à apatia da fé, à falta de confiança e ao medo diante do sofrimento. Jesus, como mediador da nova aliança, produz nova maneira de ser e de viver. Existe, porém, um passo inicial a ser dado em direção à fonte correta da vida. Aproximar-se exige discernimento, e assim a segunda leitura faz questão de mostrar que se aproximam do firme fundamento todos aqueles que caminham em direção a Jesus.

3. Evangelho (Lc 14,1.7-14): a verdadeira honra

Aonde quer que vá, Jesus sempre é observado por olhos muito atentos. Com curiosidade, e também de forma crítica, desejam verificar tudo quanto faz e diz. Num sábado, ele se encontra na casa de um chefe fariseu para almoçar. Quem é esse Jesus, cuja presença desperta muito mais interesse do que os próprios alimentos postos à mesa? Ali, olhares curiosos terão a oportunidade de aprender a integridade de atitudes e de vida. A pedagogia de Jesus, porém, desenvolve-se desde o reverso dos espaços sociais. Os convidados chegam e se sentam à mesa. E, num gesto considerado natural naquele tempo, olha-se com atenção a procedência e a credencial de cada convidado. Reivindicava-se procedência porque uns se achavam mais dignos do que os outros. Somos melhores e, aos melhores, os primeiros lugares, talvez fosse o refrão mais conhecido dos fariseus. Estes estavam seguros de si



mesmos e, possivelmente, seguros também da inadequação de todos os outros diferentes deles. A geografia dos lugares, para os fariseus, era muito bem demarcada: de um lado, nós, e do outro lado, todos os diferentes e inferiores a nós.

Jesus olha atentamente e percebe que o momento da refeição, em vez de ser marcado pela partilha e pela fraternidade, havia se tornado um instrumento de aprofundamento das divisões sociais, ou seja, marcava e aprofundava as diferenças entre aqueles que eram e os que não eram, entre aqueles reconhecidos como fortes e os considerados fracos, entre puros e impuros, entre ricos e pobres. Tratava-se, na verdade, de uma prática que fazia da honra uma moeda de troca. Nada ali era gratuito, uma vez que as relações interpessoais se fundamentavam no interesse e na vantagem pessoal. Para Jesus, a refeição era considerada espaço privilegiado para viver o dom da gratuidade. Pedagogicamente, portanto, ele mostra a seu anfitrião que a gratuidade deveria ser considerada a marca das relações entre as pessoas. Quem de graça dá e se dá não permanece à espera de ser contemplado com algum favor por aquilo que fez. O princípio de Deus é o seguinte: quem dá para receber um prêmio não receberá nada; mas, se der sem pensar nisso, seu prêmio estará assegurado. Jesus não aprova um comportamento baseado em conveniências ou mesmo na esperança de receber alguma compensação. É necessário convidar os mais pobres dentre os pobres. Destes não se esperava absolutamente nada: não tinham honra ou influência, não era prazeroso partilhar a refeição com eles à mesma mesa e, além disso, a presença deles era desabonadora (“o que vão falar de mim?”). A única forma de dar verdadeiramente é aquela que vem do influxo incontável do amor. Para Jesus, a mesa compartilhada se converte em expressão da comunidade aberta que inaugura o reinado

de Deus. Na presença daqueles considerados desqualificados é que, de fato, acontece o banquete do Reino. Jamais se realizará o banquete do Reino de Deus enquanto não houver pão em toda mesa.

III. Pistas para reflexão

1) A primeira leitura faz séria advertência quanto à arrogância. Esta é como um veneno que se espalha por todo o corpo e impede a construção de relacionamentos saudáveis e de comunidades fraternas. Quais os prejuízos causados pela arrogância em sua vida e comunidade?

2) Qual é o fundamento de nossa fé? A qualidade do terreno onde fundamentamos a vida é essencial. Muitos são aqueles que a edificam sobre a areia e, assim, vivem crises intermináveis de fé. Os que têm Jesus como firme fundamento adquirem estabilidade.

3) Jesus é totalmente contrário a divisões sociais. Divisões promovem hierarquia entre ricos e pobres, fortes e fracos, puros e impuros. Por isso, numa comunidade sem divisão, é possível servir e ser bênção na vida do próximo, sem exigir algo em troca.

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM
8 de setembro

Construir pontes e derrubar muros

I. Introdução geral

O evangelho traz em si um potencial revolucionário. Vivê-lo plenamente significa não apenas a possibilidade de uma mudança pessoal, mas também da maneira como se vivem as relações interpessoais. Nesse sentido, outros valores e princípios passam a reger a vida em comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus. Assim, relações de escravidão, por exemplo, não podem existir na comunidade, e sim relações de irmandade.



Viver o evangelho humaniza o fiel e faz dele novo ser humano. Devemos perceber, porém, que vivê-lo exige decisão radical. Não basta seguir Jesus de longe. Justamente a proximidade com ele é que possibilita as mudanças necessárias em nós. É necessário assumir a vida dele completa e honestamente. E, ao viver o evangelho da vida, testemunhar, por palavras e gestos, uma comunidade de vida diametralmente oposta aos valores que regem este mundo.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Sb 9,13-18): conhecer a vontade de Deus

O autor de Sabedoria, na primeira leitura, procura acentuar a fraqueza do ser humano e sua incapacidade de conhecer a vontade divina. Ele enfatiza esse ponto por três vezes: “Que homem conhece a vontade de Deus?”; “Quem pode rastrear o que está nos céus?”; “E o teu projeto, quem poderia conhecer?” As perguntas do sábio são retóricas, típicas do ambiente sapiencial. Todas elas perseguem o mesmo objetivo: afirmar que a sabedoria é inacessível ao ser humano. A única possibilidade de conhecer e amar a vontade de Deus é por meio do dom da sabedoria, isto é, se o próprio Deus concedê-la e das alturas enviar o santo espírito. O autor enfatiza a menção ao santo espírito, em paralelismo com a sabedoria (menção que aparece também em outros lugares do livro, por exemplo 1,5a.6a.7a etc.). Mais tarde, já no Novo Testamento, encontraremos entre as funções do Espírito a de iluminar (cf. Jo 14,26). No ser humano não há força, e sim fraqueza e arrogância; nesse sentido, ele precisa se submeter à completa dependência do espírito da sabedoria a fim de alcançar uma vida justa. O tema da inacessibilidade da sabedoria também é encontrado em Isaías 40,13: “Quem estabeleceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu

conselheiro?”. A salvação vem somente por meio da sabedoria e, por isso, o ser humano não pode confiar em suas próprias forças.

2. II leitura (Fm 9b-10.12-17): a fraternidade nega a despersonalização

O pano de fundo da segunda leitura é o pedido que o apóstolo Paulo faz ao escravo Onésimo para que retorne a Filêmon, seu senhor. Onésimo segue viagem, levando consigo a carta cujo conteúdo é apresentado, em parte, nesta leitura: o apóstolo solicita ao destinatário da mensagem que receba Onésimo não somente sem castigá-lo, mas também como a um irmão. Tal atitude, diz Paulo, será útil ao próprio Filêmon. No entanto, mesmo que o apóstolo não explique como nem por quê, é fácil imaginar que seu pedido é uma forma concreta de pôr em prática o evangelho. Aquele que se considera “prisioneiro de Cristo Jesus” se utiliza de sua própria experiência atual a fim de orientar, de forma catequética, um de seus discípulos – o próprio Filêmon. Assim, faz referência à sua idade já avançada – na época, entre 50 e 60 anos – e à sua condição de prisioneiro, bem como ao fato de ser o pai espiritual de Onésimo e à utilidade deste no período de prisão. A fim de convencer Filêmon, o apóstolo faz uso de três argumentos: a obediência, a generosidade e o apelo à dívida de um amigo. No entanto, decisivo é o argumento sobre o novo *status* adquirido por Onésimo por causa da vida de Jesus: deixava de ser escravo e passava a ser considerado um irmão. Se há irmandade, a fraternidade deve substituir as relações de escravização, de submissão e de despersonalização do outro. Do ponto de vista das relações de dominação de um sobre o outro, Paulo está, de fato, enfatizando que o evangelho possui força suficiente para derrubar os muitos muros que aprisionam o ser humano e o



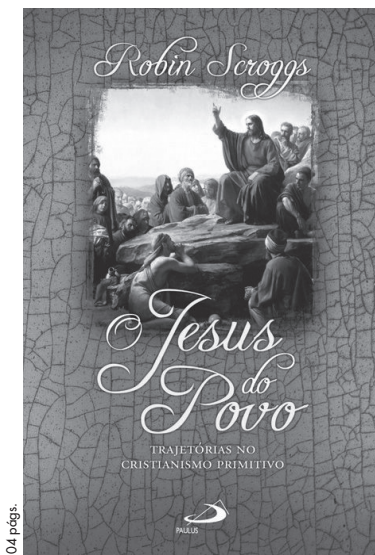
deixam na dependência de outro. Não somos chamados por Jesus Cristo para viver relações de dominação de uns sobre os outros. O mais belo testemunho de que temos a vida de Jesus pulsando em nosso coração se manifesta quando podemos chamar a todos, indistintamente, de irmãos e irmãs.

3. Evangelho (Lc 14,25-33): condições para ser discípulo de Jesus

A multidão caminha após Jesus. Cada um daqueles que fazem isso deu o primeiro passo para se tornar discípulo. Rompeu com o comum e decidiu seguir em novo movimento de vida. Apesar das muitas contradições existentes em meio à multidão, não podemos deixar de perceber que essas pessoas aderem a Jesus, seguem-no e ouvem sua palavra. Bastaria, porém, caminhar após Jesus para ser considerado seu discípulo? O que significa de fato segui-lo? Para entrar no Reino de Deus, é necessário seguir o chamado de Jesus com toda a radicalidade que isso exige: renúncia ao abrigo e à segurança na família e disposição para dar a vida (cf. vv. 25-27); serena reflexão sobre a decisão de segui-lo de forma tão radical (cf. vv. 28-32); desapego de toda propriedade (cf. v. 33). Somente assim é possível viver o verdadeiro sentido do seguimento e da entrega total a Jesus, na qualidade de discípulo, e estar à altura da responsabilidade que esse caminho implica (cf. v. 34). Há pelo menos duas verdades no evangelho deste dia: a primeira é que é possível ser seguidor sem ser discípulo. Uma das grandes desvantagens da Igreja atualmente é que nela encontramos muitos seguidores de Jesus a distância e poucos verdadeiros discípulos. Segui-lo a distância não exige compromisso. No máximo, os distantes se aproximam dele episodicamente, apenas para receber alguma coisa, e depois voltam a se afastar, até que se apresente a próxima necessidade. A segunda verdade é que o discípulo deve calcular o

O Jesus do povo

Robin Scroggs



304 págs.

O que pensavam as pessoas comuns a respeito de Jesus? Em busca dos padrões de pensamento que moldaram as crenças primitivas a respeito d'Ele, o autor distingue três concepções fundamentais da significância de Jesus: como *Cosmocrator*, como Filho do Homem apocalíptico e como *Christos*. Ele correlaciona essas concepções com as realidades e necessidades sociais de comunidades primitivas distintas e, em seguida, traça as "trajetórias" ao longo das quais essas concepções evoluíram do início do século II adiante.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



custo do seguimento. Qual é o significado de ser discípulo de Jesus? Ele insiste no caráter radical do discipulado e, portanto, nega qualquer seguimento marcado pela superficialidade. O caminho percorrido por Jesus exige, por parte dos discípulos, rupturas e disposição para enfrentar conflitos, além de – não menos importante – constante reflexão. Isto é, ser seu discípulo exige calcular os riscos do “empreendimento”. Por isso, o texto enfatiza o ato de refletir e calcular, de forma diligente, o que se fará com a própria vida e, assim, estar seguro de que o caminho que se decidiu seguir é o melhor dos caminhos. Afinal, o evangelho de Jesus, anunciado nesse caminho, é distinto dos valores dominantes da sociedade – e, mais do que isso, os contradiz. Tal sociedade, tanto ontem como hoje, opõe-se frontalmente à proposta de vida e de liberdade anunciada por Jesus em seu caminho.

III. Pistas para reflexão

1) Uma das perguntas mais importantes do discípulo e da discípula de Jesus é: qual a vontade de Deus para minha vida? Na primeira leitura, vimos que o ser humano é fraco e, por conta disso, precisa se submeter à completa dependência do Espírito de sabedoria. A vontade de Deus é que sejamos cada vez mais parecidos com ele.

2) Para o apóstolo Paulo, a relação de fraternidade inaugurada em Cristo deve substituir as relações e os desejos de dominação e sujeição dos outros. Vivemos numa sociedade onde há vários tipos de escravos – físicos, emocionais, econômicos. Como viver o projeto de Jesus, que nos desafia a viver como irmãos e solidários uns aos outros?

3) O discipulado não admite superficialidade, meio compromisso, meia disponibilidade. Devolver a Jesus migalhas, enquanto ele se entregou completamente, é pura inadequação. Qual o preço de ser discípulo de Jesus?

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM
15 de setembro

Intercessão e acolhimento: marcas dos discípulos de Jesus

I. Introdução geral

Numa sociedade que estimula o individualismo, as leituras desta celebração parecem não fazer sentido. A percepção de que vivemos em comunidade e de que somos chamados por Deus a viver um projeto comunitário é essencial para a vida cristã. Comunitariamente, evitamos ser inoculados pelo vírus do individualismo, que nos leva a querer sujeitar as pessoas aos nossos caprichos. Somos responsáveis uns pelos outros e, mais do que isso, a responsabilidade pelo outro nos faz seres éticos. Assim, é muito possível dizer que o caminho do discipulado faz que também nos convertamos ao outro. No projeto de Deus, a vitória não é um projeto pessoal que se conquista sozinho; antes, ela é sempre comunitária e, nesse caso, a festa é para todos.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Ex 32,7-11.13-14): a intercessão que salva

A ação da primeira leitura se desenrola em cima do monte, no mesmo lugar onde Deus havia dado a Moisés as tábuas da Lei. Deus começa atribuindo a Moisés todo o mérito pela libertação do povo do cativeiro no Egito e reconhece Israel como povo de Moisés. Este, porém, não aceita pacificamente tal interpretação dos fatos e insiste que foi Deus quem tirou o povo do Egito e que o povo é de Deus. Um lança sobre o outro a



responsabilidade, mas sabemos que ambos estão certos. Por conta disso, é possível perceber que a solidariedade entre Deus e Moisés precisa transcender as debilidades do povo. A intercessão de seu líder salva Israel da destruição de Deus. Diante do erro presente do povo, que presta culto a outros deuses e, assim, desvia-se do projeto da aliança, Moisés faz uso de duplo argumento, que requer de Deus o uso de sua memória. No primeiro argumento, faz referência aos atos libertadores de Deus quando da libertação do Egito – “com grande poder e mão forte” – e, no segundo argumento, faz a memória de Deus recuar mais ainda, até a aliança realizada com Abraão, Isaac e Jacó. É justamente o recurso à memória salvífica do passado que produz o arrependimento no presente.

É preciso fazer uma ressalva: na Bíblia, a mudança não é compreendida como imperfeição quando se dá em função do amor pelo outro. À luz da concepção de que toda mudança na divindade seria considerada imperfeição, a teologia evitou entender literalmente esse texto. No entanto, é preciso salientar que, na Bíblia, a maior perfeição de Deus é seu amor. Assim, o arrependimento de Deus tem como motivação sua lealdade para com os patriarcas e seu amor para com Israel. Por isso, Moisés chama a atenção de Deus para o que mais caracteriza sua natureza, a saber, seu amoroso compromisso com a humanidade. Por outro lado, é necessário refletir sobre o que teria levado Moisés a interceder pelo povo. Uma possível resposta se encontra nas palavras de Deus: “De você, eu farei uma grande nação” (v. 10b). Moisés parece não aceitar a possibilidade de se pensar sem seu povo – aquele povo. A percepção dele é comunitária. Como poderia sobreviver e os demais perecer? Dessa forma, ele assume a comunidade como projeto de vida, mesmo que o comportamento dessa comunidade não seja o mais adequado. Assume os riscos de viver em comuni-

dade e não a abandona em nenhum momento. Não deseja privilégios pessoais e, por isso, não se pensa fora da comunidade.

2. II leitura (1Tm 1,12-17): o papel da graça na construção do novo ser

O apóstolo Paulo faz uma oração de ação de graças, motivado pela ação salvadora de Cristo em sua conversão e abrupta mudança – de pecador e perseguidor em vocacionado dedicado ao ministério –, mostrando, portanto, a eficácia da graça que o transformou por inteiro. Nesse sentido, ele é mostrado no texto como uma espécie de protótipo do pecador salvo pela graça de Deus. O apóstolo é totalmente outro por causa da graça que agiu de forma eficaz nele. Destaca-se o poder da salvação manifestada e realizada em Cristo por pura misericórdia divina. Paulo se apresenta como exemplo de conversão. Nele não havia bem algum. Sua vida era caracterizada pela blasfêmia, perseguição e insolência. Via sua vida como completamente destituída de sentido e finalidade. Contudo, mesmo se considerando totalmente inadequado, a misericórdia de Deus o alcançou plenamente e o fez novo homem. Nascia ali, em meio à abundância de misericórdia, nova e eficaz vocação. É precisamente o contato com a graça de Deus que promove a maior e a mais inesperada das transformações no ser humano. Uma graça que nos torna dignos e nos põe a serviço do próprio Salvador.

3. Evangelho (Lc 15,1-32): acolher os que se encontram perdidos

Parece que o murmúrio dos fariseus e doutores da Lei não passou despercebido dos ouvidos de Jesus: “Este homem recebe pecadores e come com eles” (v. 2). O Mestre faz questão de confirmar aos murmuradores que o local privilegiado de convívio de Deus é, justa e prioritariamente, entre as



pessoas consideradas não recomendáveis. E para que o processo pedagógico e catequético de Jesus seja bem compreendido, ele conta três preciosas parábolas.

A parábola da ovelha perdida chama a atenção por causa da absurda atitude do pastor, que privilegia a lógica do cuidado e contraria a lógica do acúmulo, tão presente já naqueles dias. O pastor era responsável pessoalmente pelas ovelhas. Não havia pastor que não sentisse que seu trabalho de cada dia era dar a vida por seu rebanho. E, certamente, Deus conhece a alegria de encontrar coisas que se perderam.

Já a parábola da mulher e da moeda perdida ressalta a alegria compartilhada comunitariamente pelo encontro da moeda. A sobrevivência estaria assegurada e a alegria restaurada. Por mais insignificante que a moeda parecesse ser – representava um pouco mais de um dia de trabalho –, os trabalhadores da época viviam sempre apertados e pouco faltava para que passassem fome. A intensidade da busca da moeda se relaciona, portanto, com a possibilidade de continuar se alimentando.

Na terceira parábola – a do pai e seus dois filhos –, vemos um pai que expressa intensamente a alegria por ver seu filho, que se encontrava perdido, retornar para casa. Mais uma vez, Jesus enfatiza a necessidade de acolher e incluir no movimento as pessoas consideradas indignas. Acolhimento, nesse sentido, traduz muito bem a palavra solidariedade. São dois filhos que representam diferentes percepções de projeto de vida. O mais novo, imerso na própria miséria, vai ao encontro do pai, manifestando o movimento não só geográfico, mas também teológico, das pessoas marginalizadas e sobrantes da sociedade em direção à prática de vida e do projeto de Jesus. Por sua vez, o filho mais velho representa os próprios líderes murmuradores, que, enrijecidos, dogmatizados e apegados aos próprios concei-

tos de justiça e retidão, acabaram por perder a sensibilidade a todos aqueles que, diferentemente deles, viviam rodeados pela miséria e pela carência. A atitude desses líderes demonstra que seus anos de obediência ao Pai foram de irritante dever, e não de amoroso serviço. Além disso, assumem uma atitude de marcante antipatia – afinal, o mais velho se refere ao outro não como “meu irmão”, mas como “seu filho”.

III. Pistas para reflexão

1) Moisés pensa a si mesmo de forma comunitária. Não se vê e não se percebe como alguém que possui um projeto pessoal, afastado do próprio povo, ou seja, de sua comunidade. Ele intercede pela sua comunidade. Que prioridade tem sua comunidade em sua vida de oração?

2) A conversão muda a pessoa por completo. Altera caminhos, vida e valores. A mudança é tão radical que a pessoa até mesmo passa a estar apta para o trabalho no Reino de Deus. Quais são os sinais da conversão em sua vida e como eles se refletem em sua comunidade?

3) A mensagem de Jesus sempre foi de acolhimento. Ele jamais excluía ninguém ou deixava de ir ao encontro. Jesus não via, em primeiro lugar, o pecado das pessoas. Via, sim, seu sofrimento e, ato contínuo, aproximava-se delas para anunciar a Boa-Nova. A que distância estamos uns dos outros?

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM
22 de setembro

Não é possível servir a dois senhores

I. Introdução geral

Uma das experiências mais difíceis dos discípulos de Jesus é viver o evangelho



numa sociedade marcada por fortes contrastes sociais. Entretanto, devemos também lembrar que os fortes contrastes estão bem presentes no interior das comunidades. Assim, corre-se o risco de viver o projeto de Deus superficial e insensivelmente. Olha-se para os lados e não se percebem as contradições do dia a dia. Faltam, em muitos momentos, a sensibilidade profética e o olhar misericordioso em nossa maneira de ser e de viver a Igreja. O serviço total a Deus faz do discípulo alguém que partilha o que tem e o que é. Por outro lado, o serviço total à riqueza reduz o fiel a um programa de vida narcisista e isolado de todos os outros.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Am 8,4-7):

Deus, o protetor dos pobres, condena os opressores

Amós, um pastor de ovelhas, era natural de Têcua, pequeno vilarejo 17 quilômetros ao sul da cidade de Jerusalém. Deus o chamou e o enviou a exercer sua atividade profética no reino do Norte. Nessa época, reinava Jeroboão II (783 a 743 a.C.). Foi certamente um período de intenso crescimento e prosperidade econômica que alcançava, porém, apenas uma minoria do povo de Deus. Enquanto as casas dos aristocratas de Samaria e os palácios se enchiam de bens, os pobres amargavam a mais extrema pobreza. O reino de Israel enriquecia, porém sem justiça social. Aqueles que oprimiam elevavam a cobiça a níveis insaciáveis e mantinham uma atitude predatória e insensível para com os mais vulneráveis do povo. Estavam embriagados pelo luxo e pelo conforto e não queriam perder nenhum privilégio. Viviam, sem dúvida, uma religião sem o exercício da misericórdia, motivo pelo qual podemos considerá-la como vazia. Para eles, era mais importante amar o lucro do que a Deus. Uma prova incontestável de

que o deus deles era o dinheiro transparecia em sua disposição de sacrificar os pobres no altar da riqueza. E, horror dos horrores, por amarem o lucro, tratavam as pessoas como se fossem coisas. A maioria da população era refém de dívidas impagáveis, escravidão e perda de suas terras. Em nosso texto, de forma específica, o profeta faz dura e necessária crítica condenatória dos comerciantes. Estes, no afã de obter mais lucro, exploravam os necessitados e os pobres do povo. O lucro, para eles, era mais importante que a própria observação do sábado. Se os necessitados e pobres eram presas fáceis nas mãos dos comerciantes, o profeta destaca que Deus é o protetor dos pobres e, nesse sentido, traz uma referência teológica já presente na memória do povo (cf. Sl 82; Is 11,4; Dt 24,14-15).

2. II leitura (1Tm 2,1-8): a oração é responsabilidade irrenunciável

A segunda leitura começa com uma série de recomendações e instruções sobre a vida em comunidade. Paulo recomenda uma oração universal para todos os seres humanos. A universalidade aparece na repetição do adjetivo “todos”. A menção aos governantes pode ser exemplo dessa universalidade, pois a atividade deles pode facilitar ou desestruturar a vida de todos. A libertação da humanidade efetuada por Cristo mediante a entrega de si mesmo como resgate por todos, ou seja, a redenção, fez que todos se tornassem um em Deus, o que equivale, logicamente, a realizar a vontade salvadora de Deus. Este conjunto salvador, em que a morte de Cristo desempenha papel essencial, é designado aqui como “o testemunho que foi dado no tempo estabelecido” (v. 6), uma forma de assinalar que Cristo manifestou ao mundo, com sua vida e morte, o plano salvador de Deus. Rezar faz bem! Contudo, não uma oração



que tenha início, meio e fim naquele que reza. Importa rezar por todas as pessoas e perceber que existe, na vida do discípulo de Jesus, uma responsabilidade irrenunciável e intransferível de ser bênção na vida dos outros por meio da oração.

3. Evangelho (Lc 16,1-13): assumir uma atitude prudente

A parábola de Jesus conhecida como a “parábola do administrador desonesto” refere-se ao uso adequado dos bens e recursos num cenário de forte desigualdade social. A conclusão possível é que a lealdade não é intercambiável entre senhores diferentes. Serve-se a um ou a outro e, dessa forma, servir a Deus e ao dinheiro simultaneamente é não servir a nenhum dos dois. Na relação que levaria a um ou a outro, os sentimentos de amor e ódio, apego ou desprezo estariam misturados, ora dirigidos a Deus, ora dirigidos ao dinheiro. A riqueza é denominada de Mamom – o que é seguro e dá segurança. As pessoas acreditam que, a partir do momento em que possuem dinheiro, a existência estaria assegurada (cf. Lc 12,15s). Todavia, a riqueza não pode cumprir o que promete (cf. Lc 16,11). Frequentemente a aquisição de riqueza e seu emprego são acompanhados de injustiça. Afinal, se os bens da terra são limitados e se algumas pessoas se apossam desses bens ilimitadamente, à maioria do povo restará a pobreza. A riqueza, por maior que seja, não pode impedir a morte (cf. Lc 12,22-31) nem muito menos acrescentar algo à vida e à estatura da pessoa (cf. Lc 12,25). Assim, somente àquele que sabe administrar o pouco é confiado o muito. Se não somos fiéis no pouco, como seríamos fiéis no muito? (cf. Mt 25,21). Um dito judaico assim se expressa: “O rico ajuda o pobre neste mundo, mas o pobre ajuda o rico no mundo vindouro”. Santo Ambrósio, comentando sobre o rico insensato que edificou celeiros

maiores para guardar seus bens, disse: “O peito dos pobres, as casas das viúvas, as bocas dos meninos são os celeiros que duram para sempre”. A verdadeira riqueza de uma pessoa, conclui-se, não está no que ela guarda, e sim no que distribui. O seguimento de Jesus e o culto à riqueza são duas coisas incompatíveis. A riqueza sempre há de requerer o ser humano inteiro, pois ela o absorve por completo e o domina, escravizando-o. E sabemos, pela tradição bíblica, que Deus deseja ser amado “com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todas as suas forças e com toda a sua mente” (Lc 10,27).

III. Pistas para reflexão

1) A busca incessante e insaciável pelo lucro leva a pessoa a adorar o deus Mamom. Torna-se ela refém da ganância e do egoísmo. Como viver o evangelho da partilha numa sociedade fundamentada na lógica do lucro e da exclusão social?

2) Podemos ser impedidos de muitas coisas. Jamais, porém, seremos impedidos de rezar. Trata-se de responsabilidade irrenunciável e intransferível. Qual é o valor da oração em sua vida diária?

3) A lealdade somente cabe a uma pessoa. Não é possível mostrar lealdade a Deus e a Mamom; ser leal ao projeto de Deus e a projetos que o negam; ser leal ao Reino de Deus e ao antirreino. O seguimento de Jesus não pode ser parcializado. É tudo ou nada!

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM
29 de setembro

Arrogância: raiz de todos os males

I. Introdução geral

Tanto os líderes denunciados pelo profeta Amós quanto o rico da parábola contada por Jesus afundam-se num mar de arro-



gância. Sentem-se poderosos e tranquilos em suas devidas posições. No entanto, a segurança é como areia movediça. Logo eles começam a afundar e se veem sem firme fundamento. Tais personagens são *experts* em praticar o mal e não poupam energias para oprimir o próximo. Os arrogantes não enxergam aqueles que lhes são próximos, a não ser como instrumentos de manipulação e de empobrecimento. Por isso, todos os outros são, para eles, como se fossem incômodos que precisassem ser eliminados. Esquecem, porém, que, na tradição bíblica, Deus sempre está ao lado dos considerados invisíveis ou sobranceiros. Tradição essa presente desde o livro do Êxodo, quando, de maneira solidária e misericordiosa, Deus se revela ao lado dos escravos, proporcionando-lhes nova possibilidade de existir.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Am 6,1a.4-7): a condenação dos que oprimem e se acham impunes

O profeta Amós investe contra a elite dirigente do reino do Norte. Ele inicia seu discurso com um “ai” condenatório. Condena o luxo e a riqueza que foram adquiridos por meio da exploração e da violência e causam, com isso, o empobrecimento da maioria do povo. Trata-se de exploração realizada sem qualquer tipo de hesitação moral. Os exploradores – diz o texto duas vezes – estão tranquilos: “tranquilos em Sião” e “deitam-se em camas de marfim”. Acham-se seguros para planejar a maldade contra os mais pobres e vivem como se fossem eternamente impunes. Por estarem fundamentados numa falsa segurança, transferiram a confiança em Deus para a confiança no templo; confiam na religião teatralizada, não no relacionamento certo com Deus. Vivem de maneira imprudente e descuidada. Sentem-se completamente seguros em Jerusalém e

Samaria, cidades consideradas por eles geograficamente inexpugnáveis, ricas e militarizadas, onde habitam de forma imperturbável, sem nenhum constrangimento ético ou moral. O luxo excessivo, as camas de marfim demonstram a ostentação da riqueza adquirida mediante a exploração criminosa dos pobres. O profeta Amós, porém, está atento: viver luxuosamente, extraindo o pão da boca do pobre, é considerado insulto a Deus. Triste realidade a deles, pois Deus, que cuida dos pobres, acabará com a festa! O juízo é inevitável. O cálice de Deus transbordou. Os líderes do povo, especificamente, serão os primeiros contemplados com a dor do cativo. A alegria das festas cessou completamente para eles. Resta, agora, a dor do cativo.

2. II leitura (1Tm 6,11-16): praticar o bem e evitar o mal

Na segunda leitura, encontramos uma exortação a Timóteo. São recomendações gerais e válidas para todos os vocacionados, tipificados na figura de Timóteo, o destinatário da carta. O modelo a ser seguido deve necessariamente ser Jesus, cujo testemunho não consistiu somente em palavras, mas também em sua paixão e morte. Praticar o bem e evitar o mal é tema e orientação que encontramos nos profetas. A prática do bem faz parte inevitável da construção do ser humano. Por isso, o apóstolo Paulo denomina Timóteo de “homem de Deus”, termo pelo qual alguns profetas do Antigo Testamento eram chamados. Há dupla instrução de Paulo a Timóteo. A primeira delas indica tudo aquilo de que o “homem de Deus” deve fugir, ou seja, características e/ou modo de viver a que ele não pode se associar ou que não pode desenvolver em seu cotidiano. A orientação é clara: deve existir profundo distanciamento de Timóteo de tudo quanto possa afastá-lo do projeto de Jesus. A segunda instrução tem um caráter positivo,



indicando tudo quanto ele deve procurar a fim de bem se construir como líder e discípulo de Jesus: justiça, piedade, fé, amor, perseverança, bondade. O texto finaliza com uma doxologia, dirigida a Deus, apresentado como ator último da manifestação gloriosa de Jesus. Os títulos usados para Deus são de dois tipos: alguns são extraídos do Antigo Testamento – Rei dos reis e Senhor dos senhores – e outros pertencem ao ambiente helenístico, como o destaque dado a atributos como imortalidade ou à metáfora da luz inacessível. Todos os títulos buscam o mesmo objetivo: exaltar e enfatizar a transcendência e superioridade divina sobre os seres humanos.

3. Evangelho (Lc 16,19-31): afastamo-nos de Deus quando desprezamos o próximo

O abismo existente entre o homem rico e Lázaro (um no céu, outro no inferno) é uma reprodução do primeiro e mais essencial abismo existente entre os dois, ou seja, riqueza e pobreza, fartura e fome. Lázaro era, para o homem rico, um sobranço da sociedade; uma figura invisível, ainda que ficasse deitado diariamente à porta do rico. Púrpura, linho e alimentação abundante fazem parte da vida do homem rico. Percebia-se, porém, que, tendo tudo, ele não tem nome e, assim, não tem nada. Por sua vez, o pobre invisível, faminto e doente, que não tinha nada, tinha nome – Lázaro – e, por conta disso, tinha tudo. Deus chama seus pequeninos pelo nome, indicando, dessa forma, proximidade e personalização. Para Deus, Lázaro não é um sobranço nem um ser humano descartável. É, sim, uma pessoa que vive junto a Ele. A arrogância do rico, contudo, parece não ter fim. Mesmo no tormento da habitação dos mortos, vê Lázaro (que já não está invisível a seus olhos) e pede que Abraão o envie para refrescá-lo com algumas gotas de água. O rico o enxer-

ga agora, mas enxerga o pobre, faminto e doente como se fosse um servo à sua disposição. É interessante observar que a maldade do rico se estende, quase que hereditariamente, aos seus cinco irmãos. Todos eles reproduzem o mesmo comportamento, o que explica a insistência em avisá-los do que lhes estava reservado.

O cuidado com os mais pequeninos não apenas nos aproxima deles, mas também do próprio Deus. Qual teria sido o pecado do rico? Afinal, ele não havia ordenado aos seus servos que dessem fim à presença incômoda de Lázaro; não o impediu de pegar o pão que caía da mesa; também não usou de violência física e crueldade aparente. Qual o pecado, então? Foi não prestar atenção suficiente em Lázaro, mas aceitar que sua condição fosse parte natural do cenário; o pecado de achar natural e inevitável a dor e a fome do outro, enquanto ele, de sua parte, se alegrava e banqueteara. Não foi, aparentemente, o que o rico fez que o condenou, mas sim o que não fez é que o levou ao inferno. Seu pecado foi olhar o sofrimento de alguém próximo sem sentir compaixão; ver o outro faminto e dolorido e não fazer nada. A dor do outro não doía nele. O castigo dele foi o de alguém que nunca se deu conta de nada. Faltava-lhe, e possivelmente a muitos atualmente, a compreensão de que não existe sofrimento estranho. A dor e o sofrimento do outro devem sempre ser compreendidos como o melhor lugar para viver a prática do acolhimento, do cuidado, da ternura, da paixão e da compaixão pelo que sofre.

III. Pistas para reflexão

1) O profeta Amós faz dura crítica aos líderes que agiam com violência e exploravam o povo. Viviam tranquilos no luxo e na riqueza. Achavam-se seguros tanto social quanto espiritualmente. Triste engano deles. Deus, para o profeta, é o Deus que cuida dos pobres. Quais outras referências bíbli-



cas você conhece sobre o cuidado e proteção de Deus em relação aos pobres?

2) A prática do bem é por demais estimulada nos textos bíblicos. Abandonar o mal e reaprender a fazer o bem é expressão própria dos profetas. Paulo nos aconselha a ser artífices do bem, e não anunciadores de maldades.

3) O cuidado dos mais pequeninos faz que nos aproximemos também de Deus. Quão próximos nos encontramos dele? Se dez vezes formos aos pobres, dez vezes nos encontraremos com Deus.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

6 de outubro

Capacitados por Deus para o serviço

I. Introdução geral

O que fazemos com os dons e talentos que temos? Trata-se de pergunta importante, porque nos leva para dentro da comunidade. E uma comunidade é composta de muitos membros, cada um dos quais com inúmeros dons e talentos. Assim, é necessário pensar na multiplicidade de dons e talentos presentes em cada comunidade e como eles agem para aprimorar o corpo de Cristo. Quando não se tem noção real dos próprios dons e talentos, é necessário buscar discernimento e aconselhamento para descobrir quais seriam; todavia, quando se sabe e eles não são postos à disposição do crescimento da comunidade, sonega-se a ela parcela importante daquilo que lhe foi reservado.

I. Comentários dos textos bíblicos

1. 1ª leitura (Hab 1,2-3; 2,2-4): o justo viverá por sua fidelidade

A terra está cheia de violência, diz o profeta Habacuc. E a leitura que ele faz da realidade é por demais catastrófica. Com efeito,

Centro Bíblico Verbo



Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento

Mestrado

Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico
(hebraico e grego)
Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
Hebraico e grego (semanal)
Especialização e aperfeiçoamento (semanal)
Curso nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria a dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Mais informações

Tel.: (11) 5187.1008
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br
Acesse: www.cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo



o rei Joaquim, filho do famoso rei Josias, havia sido nomeado rei pelo Egito. No entanto, não seria uma nomeação sem interesse. O rei do Egito impôs pesado tributo em ouro e prata que, para ser pago, levou o rei Joaquim a espoliar duramente o povo (cf. 2Rs 23,33-35). Violência, crime, injustiça, opressão, processos, rixas, leis fracas, direito distorcido e a presença do ímpio são expressões presentes no texto. Parece, aos olhos de Habacuc, que a vida foi totalmente absorvida e dominada pelas forças do mal e da violência. Até quando, Senhor? Até quando o império da violência se fará presente, anulando a força da solidariedade e da justiça? A resposta se encontra no versículo que representa o centro do livro: “mas o justo viverá por sua fidelidade” (v. 4). Há clara relação de oposição entre arrogantes e justos, assim como entre os projetos de vida deles. O orgulhoso vive de sua insaciável ambição, e o justo se alimenta da fé no projeto de Deus.

2. II leitura (2Tm 1,6-8.13-14): viver plenamente o dom recebido

O tema principal é a exortação de Paulo a Timóteo e, por extensão, a todos os vocacionados que desejam cumprir fielmente sua missão, superando as dificuldades. O evangelho é anunciado em meio às dificuldades e contradições, porém sempre contando com a ajuda de Deus, que é fiel e jamais falha. O anúncio do evangelho é a resposta ao dom recebido. Guardar o depósito da fé se refere a todo o conjunto da Boa-Nova – núcleo da fé – como tesouro a ser transmitido de geração em geração. Para isso, Timóteo conta com a ajuda fundamental do Espírito Santo. A instrução de Paulo é que Timóteo deveria reacender o dom de Deus que se encontrava em si próprio. A presença do dom infunde coragem, força, amor e sobriedade, ao mesmo tempo que afasta a covardia. Assim, tomado pela presença do dom,

a força do testemunho também se faz presente. Não há necessidade de se envergonhar, mesmo que haja sofrimento.

3. Evangelho (Lc 17,5-10): fé para servir!

O servo trabalha no campo, contratado por um ano, e aquele que o contratou tem direito assegurado de sua força de trabalho. Entre as funções que precisa desempenhar está não somente arar a terra e cuidar do gado, mas também cozinhar e preparar a mesa. As exigências podem parecer irritantes, sobretudo se considerarmos que o contratante deve ser um pequeno proprietário, porque o texto faz referência a somente um servo para atender a todos os serviços. Parece uma relação injusta: um trabalha exaustivamente no campo, enquanto o outro descansa em casa. A irritação parece que vai num crescendo na leitura: quando o servo retorna muito cansado do trabalho no campo, seu empregador já se encontra à mesa e com fome, à espera de ser servido. E o servo, mesmo que esteja mais faminto e cansado do que seu patrão, precisa esperar que este se satisfaça primeiramente. Além disso, após toda a cena, que talvez perturbe a muitos leitores, o patrão não dá um mínimo elogio àquele que o serve. Ele acha que o outro apenas cumpre seu dever e assim faz valer seus direitos sobre o servo.

Devemos perceber que Jesus não se pronuncia sobre essa situação social de profunda irritação, a qual causa certo mal-estar no leitor. Ele apenas se apropria de uma imagem do cotidiano a fim de usá-la pedagogicamente na parábola. Aos apóstolos que lhe pediram: “Aumenta nossa fé”, Jesus responde que a fé que possuíam era mais do que suficiente. Ao quererem algo a mais, deixavam de perceber a força da fé já presente neles. O processo pedagógico de Jesus se desenvolve em dois momentos, para que os discípulos percebam o compromisso que



devem ter com a fé e o discipulado. No primeiro, há a clara indicação de Jesus de que os discípulos tinham fé e, mesmo que esta fosse pequena como um grão de mostarda, eles poderiam, metaforicamente, fazer coisas incríveis. No segundo momento de seu ensino, Jesus, por duas vezes, reitera a função do servo. Mesmo que este tenha feito tudo quanto lhe foi solicitado, apenas cumpriu a ordem que havia sido dada. Para Jesus, o exercício da fé, maior ou menor, não deve ser compreendido em termos de privilégio e poder. Depois de cumprir todas as ordens, ou seja, depois de viver o discipulado de forma plena, a única e possível alegação diante de Jesus seria: “Apenas fizemos o que devíamos ter feito”. Não devemos pretender que Deus nos deva algo. Quando tivermos feito o melhor que pudermos, só teremos cumprido nosso dever; e aquele que cumpriu seu dever apenas realizou o que estava obrigado a fazer.

A parábola não deseja oferecer um retrato de Deus, e sim falar da atitude que se requer da pessoa diante dele. Deus não deve nada ao ser humano, e o ser humano lhe deve tudo. Por isso, a pessoa não tem de formular exigências para Deus, nem requerer recompensas, nem sequer esperar gratidão. Os doutores da Lei concebiam a relação entre Deus e o ser humano como uma relação contratual, ou seja, eu dou alguma coisa para que você me dê algo em troca. Nessa perspectiva, para que a Lei fosse cumprida, Deus estaria obrigado a recompensar o fiel. A parábola contada por Jesus descarta por completo essa mentalidade: Deus não deve nada. Somos servos e não fazemos nada além daquilo que é esperado.

III. Pistas para reflexão

1) O justo viverá por sua fidelidade ao projeto de Deus. Os injustos, por sua vez, seguirão seu próprio caminho, marcado pela arrogância, violência, crime e injustiça. Há

clara oposição de projetos. Um deles produz vida, e outro morte. Qual projeto seguiremos?

2) Todos, sem distinção, recebemos das mãos de Deus um dom. Se de graça recebemos, de graça devemos exercitá-lo, para que outras pessoas também possam usufruir dele. Reacender o dom significa manter continuamente acesa a chama no coração e mãos e pés a serviço do Reino.

3) Todo discípulo e discípula é chamado para o serviço. No movimento de Jesus, a lógica é diferente daquela do mundo greco-romano. Se nesse mundo se hierarquizavam as relações e uns dominavam sobre outros, no movimento de Jesus o serviço é palavra de ordem e fundamental para criar uma comunidade de servos.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de outubro

A aproximação evangelizadora derruba os muros que nos separam

I. Introdução geral

Fé e gratidão são como irmãs siamesas. Sempre juntas, elas fazem o mesmo caminho. Assim, cada passo dado traz a marca de uma e de outra. É preciso, por meio da fé, sempre estarmos abertos à ação graciosa de Deus a nosso favor; não sabemos quando ele irá agir, mas, pela fé, sabemos que agirá. E da expressão de fé assume-se, como necessária e inevitável, a expressão de gratidão. A fé faz que os passos dados sejam em direção àqueles que necessitam de socorro. A cada passo, ela pavimenta o caminho, fazendo que os encontros sejam evangelizadores e os muros sejam derrubados. Caminhar por ela deve ser compreendido como uma ação encarnada



na própria realidade em que se vive. Nesse sentido, a fé é histórica. Reveste-se das múltiplas histórias que vivemos e partilhamos uns com os outros a cada dia. É na história que Deus se revela, assim como é na história que vivemos de fé em fé.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (2Rs 5,14-17):

Deus está acima de todos os deuses

Naamã era o chefe do exército arameu, que representava uma grande força na geopolítica da região. Não era raro que os arameus e os israelitas estivessem em disputa territorial. Nosso texto se inicia com o general sendo obediente à orientação do profeta Eliseu a fim de que pudesse ser curado da lepra. Após mergulhar obedientemente por sete vezes nas águas do rio Jordão, Naamã viu, inacreditavelmente, que sua pele havia ficado completamente limpa, como a de uma criança. Após a constatação, ele faz bela confissão de fé: “Agora sei que não há outro Deus na terra, a não ser em Israel” (v. 15b). Sua cura e conversão são contadas a fim de mostrar que Deus é, de fato, um Deus universal e está acima de todos os outros deuses. A história destaca, portanto, que a ação salvífica de Deus não estava limitada a Israel. Deus quer que todos saibam que ele é o verdadeiro Deus.

2. II leitura (2Tm 2,8-13): a palavra de Deus não está algemada

A segunda leitura é centrada na pessoa de Jesus Cristo ressuscitado dentre os mortos, o que, para qualquer cristão, constitui uma recordação de seus sofrimentos e de seu triunfo final. É justamente essa recordação de Jesus a motivação afetiva e teológica que anima o cristão para a superação de toda e qualquer dificuldade. A declaração de Paulo é fundamental para compreender o alcance da palavra de Deus. Ela não está algemada

e, por isso, nada a impede de anunciar a salvação. Pode a testemunha do evangelho se encontrar aprisionada, todavia a palavra de Deus, livre, anuncia a libertação. Até mesmo o sofrimento é visto de outra perspectiva. Ele representa o mais legítimo testemunho de amor e de solidariedade para com as pessoas por meio do anúncio da salvação. O hino parece enfatizar a participação do cristão nos destinos do próprio Cristo. Devemos compreender, porém, que o destino não é automático, mas depende da opção de cada um. Por causa disso é que o hino é marcado pela ação condicional, indicando que se exige algo do discípulo.

3. Evangelho (Lc 17,11-19): fé e gratidão como princípio da alegria

Neste evangelho, vemos como a enfermidade e a miséria reúnem dez homens e os fazem esquecer o tradicional ódio existente entre judeus e samaritanos. Eram excluídos por todos, e havia até mesmo uma legislação própria para eles: “Quem for declarado leproso deverá andar com as roupas rasgadas e despenteado, com a barba coberta e gritando ‘impuro, impuro’. Ficará impuro enquanto durar sua doença. Viverá separado e morará fora do acampamento” (Lv 13,45s). Jesus está em missão e, enquanto atravessa a Samaria e a Galileia com o objetivo de chegar a Jerusalém, é interrompido aos gritos por dez leprosos. Eles guardam certa distância de Jesus. Não havia uma distância definida, mas ao menos uma autoridade tinha estabelecido que, quando o vento soprasse do leproso em direção à pessoa sadia, aquele devia ficar a pelo menos 50 metros de distância. Nada poderia demonstrar melhor a solidão total em que viviam os leprosos. Afinal, eram considerados impuros e eram impedidos de se aproximar de todos os reconhecidos como puros. Após o pedido – “tenha piedade de nós” –, os dez são instruídos por Jesus a se apresentar aos sacerdotes. Mas



que surpresa: enquanto percorrem o caminho que os levaria aos sacerdotes, percebem-se curados. Nesse momento, o grupo se divide. Já não eram dez. De um lado, um grupo de nove, que seguiu adiante, e, do outro, apenas um, que voltava todo feliz pelo caminho já percorrido para agradecer a Jesus. A gratidão era e continua sendo um artigo raro de encontrar. Três perguntas são feitas por Jesus, perguntas retóricas que procuram elogiar a fé daquele que retornou: “Não eram dez os purificados? Onde estão os outros nove? Não voltou ninguém, além desse estrangeiro?” (v. 17).

O episódio dos dez leprosos é clara demonstração de que a fé rompe barreiras e preconceitos seculares. Aquele que volta é um impuro, e é justamente o considerado impuro e, por isso, inadequado que reconhece que Jesus lhe concedeu o dom da vida. A graça de Deus, por meio de Jesus, é, porém, completa. Não se trata de uma ação superficial que cura o corpo do enfermo. Naquele momento, também se realizava a superação da marginalização em que os leprosos se encontravam. Jesus torna visível o poder e a misericórdia de Deus. É interessante recordar outro samaritano, cheio de compaixão, que estava no caminho do evangelho e do Reino de Deus, fazendo o bem àquele que se encontrava à margem da vida e sem futuro. Agora, o samaritano que volta também encontra o caminho do Reino, mas, neste momento, pela gratidão.

No samaritano é desenhado, de forma bastante clara, o caminho do evangelho que chega até os pagãos. Somente aquele que se considerava fraco e sem condição é que retorna. Trata-se, todavia, de retorno que mostra por completo quem ele é essencialmente, e assim encontramos nele gratidão, louvor e confissão de pobreza e limitação. Já os outros não retornam para dar graças, pois consideram os dons de Deus inevitáveis. Em Jesus, o caminho da salvação está completa-

mente aberto a estrangeiros, pecadores e gentios. O que de fato salva é a fé, isto é, a decisão por Jesus e a entrega à sua palavra e à ação salvadora de Deus por meio de Jesus – chamado de Mestre. É importante ressaltar que, até esse momento, somente os apóstolos haviam chamado Jesus de Mestre.

III. Pistas para reflexão

1) Qual é o alcance do testemunho cristão? Quais seriam seus limites? Não podemos pensar no testemunho como ação restrita a fronteiras delimitadas. A Palavra jamais se encontra algemada. Por isso, o discípulado é constante exercício de anúncio da Palavra.

2) O evangelho nos apresenta Jesus rompendo definitivamente barreiras e preconceitos seculares. Ele não via um impuro, e sim um ser humano que precisava ser acolhido e amado. Não construía barreiras que impediam o acesso de outras pessoas. Construía, isso sim, pontes de ligação. E nós, somos construtores de quê?

3) Dos dez abençoados, apenas um retornou para agradecer a Jesus e se alegrar com ele. Saberíamos contar a quantidade de vezes em que fomos abençoados e voltamos a Jesus para agradecer-lhe?

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM

20 de outubro

Solidariedade e perseverança na construção da comunidade

I. Introdução geral

Moisés, Aarão e Ur formam uma unidade não somente de corpos reunidos e próximos. A unidade se realiza principalmente



porque estão ao redor de um mesmo projeto, de um mesmo povo, de um mesmo Deus. Não desejam o sucesso pessoal nem muito menos avançar na vida subindo nas costas dos outros. Consideram a missão sempre como de todos e jamais veem as lutas e conflitos como se fossem desafios a enfrentar sozinhos. Juntos somam, divididos se enfraquecem; juntos perseveram e olham para o mesmo alvo. A perseverança, quando assumida pela comunidade, vai mais longe, projeta-se para o futuro e faz o que, sozinhos, nunca seria possível realizar.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Ex 17,8-13): a solidariedade forma e salva a comunidade

Certa vez os amalecitas, inimigos tradicionais do povo de Deus, encontravam-se em Rafidim para combater contra Israel. Moisés deu ordens precisas de combate a Josué, que foi para o campo de batalha. Enquanto isso, Moisés, Aarão e Ur subiram ao topo de uma colina. Ali, enquanto as mãos de Moisés permaneciam erguidas, Israel vencia; quando abaixava as mãos, os amalecitas venciam. Como interromper o ciclo de vitória e derrota causado pelo cansaço de Moisés, que não conseguia permanecer o tempo todo com as mãos erguidas? Nesse momento em que o povo de Deus enfrentava enorme dificuldade, a atitude de Aarão e Ur mostrou-se fundamental. Ao perceberem o cansaço de Moisés, fizeram-no sentar e, em seguida, agindo como fiéis escudeiros, um de cada lado, como se fossem uma única pessoa e um único projeto, cada qual passou a sustentar uma das mãos de Moisés, até que o inimigo fosse derrotado no campo de batalha. Pode-se dizer que a derrota dos amalecitas ocorreu não quando Josué in-

vestiu contra eles com um grupo de soldados, e sim desde o momento em que Moisés, Aarão e Ur subiram à colina.

Você já experimentou ficar com os braços levantados durante certo tempo? Começamos bem, mas aos poucos nossos braços também se tornam pesados e desmoronamos por completo. Moisés se esforçou sobremaneira, mas já não encontrava forças em si mesmo. Nesse momento ele contou com olhos perspicazes que a tudo observavam. Aarão e Ur vieram até ele e colocaram uma pedra para que pudesse sentar e, quem sabe dessa forma, recuperar a energia. A ideia, por um momento, parecia boa, mas não resolvia nada. Moisés não precisava de uma pedra. Precisava, antes, de companhia ou, por assim dizer, de outros braços. Quando Aarão e Ur se aproximaram dele, o braço de um tornou-se a extensão do braço do outro. Um apoiava o outro, e juntos conseguiam aquilo que não poderiam obter sozinhos.

O ensinamento é fundamental: a força não reside em apenas um. Ela está presente na unidade e no projeto comum a todos. A guerra não era de Moisés e não atingia apenas ele. O inimigo não se levantava contra um do povo de Deus, mas contra todo o povo. Moisés, Aarão e Ur, juntos, formavam uma unidade. Juntaram-se porque, separados, não possuíam força alguma. Devemos entender que, isolados, podemos obter uma vitória parcial aqui e outra ali, mas nunca obteremos a vitória definitiva. Quando nos voltamos para a comunidade é que podemos emprestar nossos braços a fim de construir a vitória. Qual braço alcançou a vitória nessa leitura? Sem sombra de dúvida, foi o braço da comunidade. As mãos erguidas converteram-se em símbolo não só da presença de Deus, mas também do seu apoio na batalha. Eles não estavam lutando sozinhos. Na verdade, aquele que os libertou da escravidão continuava lutando a seu lado,



sem cessar. Moisés, Aarão e Ur trabalhavam em equipe. Não se viam isoladamente como melhores do que os outros ou superiores a todos, mas como pessoas que possuíam uma missão em comum. Ao formar uma equipe e pensar como uma, construíram uma unidade que dificilmente podia ser quebrada. A palavra de Deus proverbialmente nos ensina: “O cordão de três dobras não se rompe com facilidade”. Juntos, eles não percebiam uns aos outros como inimigos e/ou competidores que deviam ser vencidos. Juntos, viam-se como comunidade, e por ela e a ela se dedicavam. Existem obstáculos que somente podem ser vencidos com a união e a unidade de todos.

2. II leitura (2Tm 3,14-4,2): aprender, crescer e permanecer firme na fé

A exortação feita a Timóteo para que permaneça fiel aos ensinamentos recebidos é enfatizada com rápida alusão a quem transmitiu tais ensinamentos. A expressão que pode ser traduzida como “Sagradas Letras” (v. 15) se refere aos livros que conhecemos como Antigo Testamento, certamente na versão dos Setenta, usada pelos judeus na diáspora, tal como se percebe em 1 Macabeus 12,9 e em Romanos 1,2 com a denominação de Escrituras Sagradas. A primeira afirmação sobre a finalidade dessas Escrituras é que elas não se relacionam com meros conceitos, mas sim com algo realmente vital, denominado no texto como “salvação”, mediante a aceitação pessoal de Jesus Cristo. Há, pois, uma relação entre Sagradas Letras e salvação mediante a fé em Jesus, implicando que o Antigo Testamento também estaria direcionado para Jesus. O apóstolo Paulo exorta Timóteo a ficar firme na fé aprendida desde a infância com a mãe e a avó. Ponto central e determinante na exortação paulina é o aprendizado da Sagrada Escritura, que, inspirada por Deus, transmi-

te segurança e prepara o fiel para toda boa obra. A perenidade e atualidade da Palavra são acentuadas com o tema da aparição de Jesus. Nesse contexto da vinda de Jesus para o julgamento, a Palavra exerce uma função admirável, por isso a orientação imperativa para que Timóteo “proclame a Palavra, insista em tempo oportuno, convença, repreenda, encoraje com toda paciência e doutrina” (v. 2).

3. Evangelho (Lc 18,1-8): a perseverança na oração

Existe, de fato, a necessidade de rezar sempre e nunca desanimar? Para exemplificar sua mensagem, Jesus insere na parábola duas figuras conhecidas na época: um juiz sem escrúpulos e uma viúva pobre, símbolo de todos os pobres e indefesos. Trata-se de personagens atualíssimos numa época em que os pobres não tinham quem os defendesse. Contudo, o sofrimento da viúva não é passivo. Ela não se conforma com a injustiça diária e interminável que sofre. E a insatisfação e a não conformidade geram nela a perseverança. Ela vai ao juiz até que este atenda à sua demanda. O juiz injusto é vencido pela perseverança da viúva pobre. “E Deus não fará justiça a seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Irá demorar para atendê-los?” (v. 7). O chamado à perseverança na oração faz referência à tradição de um Deus que escuta o clamor de seu povo. A experiência fundamental de libertação no êxodo acontece, de fato e de verdade, pela oração/clamor. Quando os escravos clamam a Deus desde seu ambiente marcado pela degradação da vida, são os ouvidos de Deus, em primeiro lugar, que entram em ação para que a realidade que machuca e oprime seja alterada. Não nos cansemos de orar e nunca nos faltará a fé; e, depois de haver ofertado a Deus nossas orações e pedidos, acrescentemos humildemente a oração perfeita: seja feita a tua vontade.



III. Pistas para reflexão

1) A primeira leitura surpreende porque mostra que a resposta para muitos dos problemas vividos é a solidariedade. Moisés, Aarão e Ur não trabalham isolados e individualmente. O projeto de um é o projeto de todos. Um fio de três dobras não se rompe com facilidade!

2) No Reino de Deus somos sempre aprendizes. Por isso, todos os dias são imprescindíveis para viver, crescer e amadurecer na fé. O conselho de Paulo a Timóteo continua válido para nós: crescer para sermos fiéis para toda boa obra.

3) Perseverar em períodos de bonança é fácil. Difícil é perseverar quando enfrentamos inúmeras dificuldades e a derrota se apresenta com frequência. Nesses casos, a tendência é desistir de tudo. Todavia, a viúva pobre nos ensina que a perseverança é irmã gêmea da esperança.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM
27 de outubro

Se a arrogância mata, a humildade exalta

I. Introdução geral

De nada vale a performance teatral na prática do discipulado. Não há lugar no Reino de Deus para os dissimuladores, ou seja, para aqueles que desejam representar o que de fato não são. O projeto de vida de Jesus, quando reduzido à simples teatralização, transforma-se, infelizmente, numa religião de morte. Não há nada mais degradante que o fato de o evangelho não produzir vida por onde é proclamado. Assim, muitas pessoas se perdem no caminho do discipulado. Esquecem que a vida cristã deve ser vivida de forma integral e que não há espaço para uma

prática medíocre do discipulado. O chamado do cristão se caracteriza pela humildade no serviço ou, ainda, pelo serviço desinteressado. Não há nada mais deprimente do que alguém se considerar discípulo de Jesus, mas levar uma vida cadenciada pela arrogância e pela falsa humildade. Quando nos reconhecemos como fracos é que começamos a experimentar o poder de Deus. A presunção de força gera no interior da pessoa a arrogância, e ela passa a se considerar mais do que realmente é. Desenvolve, na verdade, a síndrome de Golias. Possui uma aparência de fortaleza, mas pode ser derrubada com uma pequena pedra.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura (Eclo 35,15b-17.20-22a): a opção de Deus pelos vulneráveis

O Sirácida faz dura advertência contra aqueles que exploram os pobres, os órfãos e as viúvas. Quem seriam esses violentos exploradores? Provavelmente seriam os dominadores selêucidas, bem como os judeus helenistas. O tema central desse pequeno trecho é o fato de Deus escutar as súplicas daqueles que sofrem violência. Nesse ponto revela-se a teologia do texto, isto é, a opção de Deus pelos mais vulneráveis. As lágrimas que correm pela face da viúva revelam a gravidade dos atos dos dominadores e, simultaneamente, desencadeiam a ação libertadora, acolhedora e consoladora de Deus. Ele, o justo juiz, há de julgar com justiça todos os que produzem lágrimas de dor na face dos pobres. No texto se encontra a certeza explícita de que Deus não favorece o rico injusto. Antes, ele assume uma posição em meio ao conflito que coloca em lados distintos aqueles que têm poder e aqueles que são fracos. A oração do humilhado chega a Deus atravessando as nuvens, ou seja, desfaz a percepção da inacessibilidade de Deus que encontramos na queixa do autor



de Lamentações: “De uma nuvem te envolveste, para que a oração não chegue a ti” (Lm 3,44). Ademais, a expressão “não descansa” traz à memória a parábola contada por Jesus na qual a viúva não descansou enquanto a justiça não foi estabelecida. O próprio corpo do pobre, marcado por dores e violências, é transformado num altar de onde ele oferece a Deus suas lágrimas e gritos de justiça.

2. II leitura (2Tm 4,6-8.16-18): viver plena e totalmente para Deus

O apóstolo Paulo, na iminência de sua morte, faz um balanço de sua vocação como discípulo e missionário de Jesus. Sua vida pode ser compreendida como uma completa liturgia. Ele viveu para servir a Deus e a seu projeto, e até mesmo sua morte possui um sentido litúrgico. Está pronto da mesma forma que um atleta finaliza sua corrida e tem, ao final dessa jornada, a certeza de receber a coroa da justiça. Mesmo em períodos mais sombrios – por exemplo, quando se sentiu abandonado perante o tribunal –, sabia que o Senhor estava ao seu lado, dando-lhe forças para suportar e vencer o mal que o abatia. Todavia, deve ficar claro que o prêmio não é privativo de Paulo, mas tem relação com todos aqueles que cumprem bem sua tarefa. Por isso, as metáforas usadas, de diversos tipos, são bastante populares e tradicionais, facilmente compreensíveis, e algumas delas, especialmente a da corrida, são muito próprias da correspondência paulina (cf. Fl 3,12-14). Menciona-se no final a assistência que o Senhor concede a quem nele confia, tema muito frequente nos Salmos e no livro de Daniel que transmite a segurança de um glorioso destino final. A relação de Paulo com o Senhor era de completa dependência, e, nessa jornada que fazia, era possível proclamar com grande certeza: “A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém” (v. 18b).

YOUCAT Orações para jovens

Fundação YOUCAT



Este novo volume da coleção YOUCAT, o Catecismo Jovem da Igreja Católica, apresenta uma seleção de orações para os jovens. O livro está dividido em duas partes: a primeira com roteiros de oração diária e a segunda com uma coletânea de orações novas e tradicionais.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



3. Evangelho (Lc 18,9-14): a arrogância mata e a humildade resgata

Na Palestina, os judeus oravam três vezes ao dia: às 9 da manhã, ao meio-dia e às 3 da tarde. Considerava-se que a oração eficaz era aquela oferecida no Templo, de modo que nessas horas muitos iam aos átrios do Templo para rezar. A arrogância leva as pessoas a se sentirem melhores do que as outras, não somente supervalorizando sua condição ou características, mas também procurando, com todas as forças, diminuir e desprezar aqueles com os quais se comparam. Jesus, nessa parábola, manifesta sua percepção de que alguns estavam convencidos de serem justos e, por conta disso, desprezavam os outros. A postura do fariseu é teatral, plástica e, exatamente por isso, artificial. Reza a Deus como se estivesse no teatro, encenando uma peça. Reza de si para si mesmo. Em sua oração arrogante, pretende dar testemunho de si mesmo perante Deus. Na verdade, não foi rezar, mas sim informar a Deus a respeito de quão bom ele, fariseu, era. Os gestos e palavras são, sem dúvida, extraídos do repertório religioso. No entanto, mostram-se desprovidos de autêntico conteúdo. São até belos em si mesmos, mas ineficazes. Gestos e palavras que revelam justamente o contrário do que o fariseu desejava comunicar. Queria ele aparecer, e suas palavras e gestos fizeram que desaparecesse. Tomado de arrogância, o fariseu experimenta seu próprio veneno e se autoexclui do projeto de Deus.

Já o cobrador de impostos se apresenta como conhecedor de suas profundas limitações. É sabedor de que não é nada sem a graça e a misericórdia divina. Ele se reconhece sem nada, tendo senão um grande e enorme vazio a ser preenchido por Deus, a quem nem sequer se atrevia a elevar os olhos. Muitas versões não fazem justiça à sua humildade, pois na realidade ele falou:

“Deus, seja propício a mim, o pecador”. Tal tradução indica que ele não era meramente pecador, mas sim o pecador por excelência. A humildade do cobrador de impostos contrasta com a arrogância do fariseu e, conseqüentemente, o resultado aparece em forma de contraste: “Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (v. 14b). Nenhum orgulhoso pode orar sem se autocondenar. A porta do Reino de Deus é tão baixa que ninguém pode entrar por ela, a não ser ajoelhado. Com os olhos voltados para a terra e não para o alto, sentimos que não somos nós que precisamos olhar para Deus, pois, de fato, é ele que está olhando para nós e vendo nossa pequenez. No entanto, a verdadeira oração aproxima-nos de Deus, aproximando-nos uns dos outros. A oração jamais causa divisão, mas produz uma comunidade de iguais.

III. Pistas para reflexão

1) Não há dúvida de que Deus ouve nossas orações. A literatura bíblica, em muitas referências, faz questão de apresentar a relação do orante com Deus “escutador”. E a referência primeira é Deus que escuta os clamores dos escravos no Egito, escuta solidária e amorosa, a partir da qual se inicia o processo de libertação.

2) Uma das mais belas expressões de Paulo é esta: “Não vivo mais eu, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Palavras que indicam a totalidade da doação. Para Paulo, Jesus era a referência suprema de sua vida. Na segunda leitura, ele, já no final de sua vida, reitera a mesma mensagem: sua vida foi completamente dedicada a Jesus.

3) De nada vale uma religião teatralizada, que leva a desprezar e humilhar os outros; de nada vale uma espiritualidade arrogante que condena as pessoas com as quais se vive. A verdadeira religião é aquela que nos liberta de nosso egoísmo a fim de abraçarmos uns aos outros como irmãos. ●

CENTRO BÍBLICO PAULUS

“A PALAVRA DE DEUS NÃO ESTÁ ALGEMADA!”

(Paulo Apóstolo em 2Tm 2,9).

O Centro Bíblico PAULUS é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

O Centro Bíblico PAULUS atua em cinco níveis:

1. **Editorial**, com traduções da Bíblia e subsídios de estudo.
2. **Formativo**, com cursos bíblicos oferecidos sobretudo nas livrarias PAULUS.
3. **Pastoral**, com organização e suporte a eventos e iniciativas bíblicas.
4. **Espiritual**, com proposta de métodos de leitura orante da Bíblia.
5. **Eclesial**, com a oferta de serviços às igrejas locais para a animação bíblica da pastoral.

Como destinatários, tem todas as pessoas, no espírito do apóstolo Paulo, com atenção especial a quem tem menos oportunidade de ler e aprofundar a Bíblia. A metodologia é fazer a Palavra de Deus dialogar com todas as dimensões do ser humano (mente, vontade, coração), valorizando toda forma de comunicação: relações, imagens, artes, música, redes sociais etc.

Em 2019, destacamos os dois cursos de extensão que estão sendo oferecidos na FAPCOM (Faculdade PAULUS de Comunicação), em São Paulo: “Introdução ao Antigo Testamento” e “Introdução ao Novo Testamento”, aos sábados, de março a novembro. Iniciativa que se está propondo também nas trinta livrarias PAULUS do Brasil, com encontros de formação bíblica introdutória ao Novo Testamento.

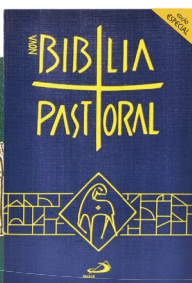
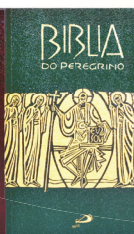
**“A Bíblia é tudo para o nosso apostolado:
luz, caminho ou método e vitalidade.**

**Nós somos a voz de Deus, nós somos os seus repetidores,
nós somos os seus tipógrafos, nós somos os seus mensageiros,
os seus carteiros, que levam a sua carta às pessoas.”**

(Bem-Aventurado Tiago Alberione, 1933)



NÓS
AMAMOS
PORQUE
—❤—
DEUS
NOS AMOU
PRIMEIRO. (1Jo 4,19)



CAMPANHA MÊS DA BÍBLIA

Campanha vigente de 5 de agosto a 30 de setembro de 2019.

Setembro é Mês da Bíblia! Neste ano, a campanha se inspira na Primeira Carta de João para nos lançar um desafio: amemos uns aos outros, como Cristo nos amou.

A **PAULUS**, referência em publicação de Bíblias, sabe que é o Evangelho quem nos conduz no exemplo de Jesus. Em 2019, deixe o Apóstolo do Amor iluminar você nesse caminho!

CONSULTE OS PREÇOS PROMOCIONAIS!

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

paulus.com.br/loja

**CENTRO
BÍBLICO
PAULUS**


PAULUS